



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES - CEAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO,
SOCIEDADE E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

MARIA APARECIDA DA SILVA

A IDENTIDADE NEGRA EM RECONSTRUÇÃO NA FESTA POMITAFRO
VILA PAVÃO/ES

BRASÍLIA

2024

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES - CEAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, SOCIEDADE E
COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

MARIA APARECIDA DA SILVA

**A IDENTIDADE NEGRA EM RECONSTRUÇÃO NA FESTA POMITAFRO -
VILA PAVÃO/ESPÍRITO SANTO**

Dissertação apresentada como
requisito parcial para a obtenção do
Título de Mestre pelo Programa de
Pós-graduação em Desenvolvimento,
Sociedade e Cooperação
Internacional.

Orientador: Prof. Dr. José Walter Nunes

BRASÍLIA

2024

MARIA APARECIDA DA SILVA

**A IDENTIDADE NEGRA EM RECONSTRUÇÃO NA FESTA POMITAFRO -
VILA PAVÃO/ESPÍRITO SANTO**

Dissertação apresentada como
requisito parcial para a obtenção do
Título de Mestre pelo Programa de
Pós-graduação em Desenvolvimento,
Sociedade e Cooperação
Internacional.

Data da aprovação:

Prof. Dr. José Walter Nunes

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília
(CEAM/UnB (Orientador))

Prof. Dr. Breitner Luiz Tavares:

Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Erineu Foerste

Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

AGRADECIMENTOS

Sempre que chegamos ao final de uma etapa é preciso agradecer às pessoas que nos ajudaram e contribuíram de uma forma ou de outra para que tivéssemos êxito. Não importa se foi um grande ou um pequeno feito, importa o significado para aquele momento. Desta forma, agradeço a todos sem enumerar sua importância.

À Deus, pela vida e oportunidade de experienciar o conhecimento. Aos meus pais, Isael Elias e Ana Maria da Silva, para os quais não tenho palavras para exprimir minha gratidão, pelo amor e pela dedicação, pela torcida, entusiasmo e vibração em cada passo que conquistei, fazendo das minhas conquistas as suas também.

Ao meu irmão João Paulo, minha cunhada Kátia e João Guilherme, meu sobrinho amado, que experimentaram minhas ausências sem questionamentos e pelo prazer que me oportunizam em ser irmã, cunhada e tia, além do constante convite à vida.

A minha grande amiga Angela Maria Leite Peizini, por me ensinar que amigas são para todas as horas, que a jornada é longa e que pode ser leve.

Às pessoas que tive o prazer de conhecer e compartilhar experiências nesses anos de estudo intensos. Aos amigos e colegas do Mestrado, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, sociedade e cooperação Internacional (UnB), o meu respeito e a minha admiração.

Ao Prof. Dr. José Walter Nunes, orientador desta pesquisa, que acompanhou minha trajetória com sensibilidade, muito grata pela acolhida, compreensão em relação as minhas dificuldades e o grande incentivo nesta caminhada.

Ao Prof. Dr. Breitner Luiz Tavares, o qual tive a honra de ter sido aluna e pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação e o carinho dispensado à leitura deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Erineu Foerste, por aceitar fazer parte dessa banca e pela valiosa e carinhosa contribuição com este trabalho. Obrigada pelo carinho de sempre.

RESUMO

Este estudo foca as dimensões identitária e de pertencimento relacionados à comunidade negra de Vila Pavão, tendo como referência um evento de caráter educativo-cultural criado em 1989, por um grupo de professores, no Centro Estadual de Ensino Integral Rural/CEEIR, cujas atividades de combate ao etnocentrismo e ao racismo buscavam “integrar” três grupos étnico-culturais do município, formado por pomeranos, italianos e afrodescendentes. O evento, atualmente uma grandiosa festa anual, denominada Pomitrafo (daí o neologismo pomerano, italiano e afro-brasileiro) cresceu em importância, transbordando a escola, ao ponto de ressignificar a identidade cultural da cidade e referenciar os principais símbolos oficiais do município, como um ícone da localidade que se orgulha de sua diversidade étnica. Assim, procuro compreender o processo permanente de reconstrução da identidade negra nesse contexto, na sua relação às identidades dos demais grupos, também em constante transformação. A pesquisa se fundamenta metodologicamente na história oral, em documentos escritos e visuais para levantar questões relacionadas à interação entre essas etnias – experiências de tensões, aproximações, distanciamentos, resistências, poderes – tendo em conta as histórias e as memórias que as diferenciam e ao mesmo tempo as pluralizam nos seus saberes, fazeres e conhecimentos.

Palavras chaves: Pomitrafo, racismo, identidades, diversidade, cultura.

ABSTRACT

This study focuses on the dimensions of identity and belonging related to the black community of Vila Pavão, taking as a reference an educational-cultural event created in 1989, by a group of teachers, at the Centro Estadual de Ensino Integral Rural/CEEIR, whose activities sought to “integrate” three ethnic-cultural groups in the municipality, made up of Pomeranians, Italians and people of African descent, with the aim of combating ethnocentrism and racism. The event, currently a grand annual festival, called Pomitrafo (hence the Pomeranian, Italian and Afro-Brazilian neologism) grew in importance, overflowing the school, to the point of giving new meaning to the city's cultural identity and referencing the city's main official symbols, such as an icon of the locality that is proud of its ethnic diversity. Thus, I seek to understand the permanent process of reconstruction of black identity in this context, in its relation to the identities of other groups, which are also in constant transformation. The research is methodologically based on oral history, written and visual documents to raise questions related to the interaction between these ethnicities – experiences of tensions, approximations, distances, resistances, powers – taking into account the stories and memories that differentiate them and at the same time pluralize them in their knowledge, practices and knowledge.

Keywords: Pomitafro, racism, identities, diversity, culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Linha do tempo da democracia racial no Brasil

Figura 2: Mapa de Vila Pavão

Figura 3: Núcleo de criação Pomitafro no CIER

Figura 4: Brasão de Vila Pavão

Figura 5: Bandeira de Vila Pavão

Figura 6: Foto das Três Rainhas da 23ª Pomitafro que aparece na entrada do site da prefeitura

Figura 7: Eu com as rainhas da festa da 23ª POMITAFRO

Figura 8 – Candidatas Afro

Figura 9 – Rainhas Eleitas com os organizadores da Festa

| Figuras 10: Participação do Grupo de Vila Pavão na Feira dos Municípios do estado do Espírito Santo (2024)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
<i>Escolha do tema: Caminhos percorridos, caminhos inacabados</i>	9
<i>A descoberta da Pomitafro</i>	13
CAPÍTULO 1	22
Formação étnica no povoamento do Espírito Santo: a negritude	22
1.1-Terra de imigrantes	22
1.2- <i>A invisibilização do negro na sociedade brasileira e capixaba</i>	25
1.3 - <i>Colonialidade</i>	29
1.4- <i>Democracia racial(izada): uma análise do racismo à brasileira</i>	30
CAPÍTULO 2	35
Pomitafro: uma experiência de inserção cultural	35
2.1 - <i>Organização comunitária e identidade negra na festa Pomitafro</i>	43
2.2 - <i>Expressões Socioculturais na Pomitafro</i>	51
2.3 - <i>A experiência como palestrante da Pomitafro</i>	53
2.4- <i>A experiência como jurada da Festa Pomitafro</i>	55
CAPÍTULO 3	60
A participação negra na Pomitafro: Avanços e Tensões	60
3.1 - <i>A influência sociopolítica e a gestão comercial da festa</i>	61
3.2 - <i>Capoeira e Intolerância religiosa</i>	66
3.3 - <i>Preconceito culinário</i>	72
3.4 - <i>A dificuldade de organização interna do grupo afro e as relações interétnicas</i>	74
3.5 - <i>Integração para quem?</i>	77
3.6 – <i>Visão do futuro</i>	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87

INTRODUÇÃO

Escolha do tema: Caminhos percorridos, caminhos inacabados

De acordo com o censo de 2020, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)¹, a maioria da população capixaba, constituída de pretos e pardos, é de afrodescendentes, correspondendo a mais de 50% do total de habitantes do estado. Entretanto, onde estão os negros do Espírito Santo se pensarmos em termos de representatividade cultural, social e política? Nessa direção, onde estão os negros nas cidades que me circundam, onde vivo, convivo, construo minhas percepções, sentimentos, afetos, enfim, minha cosmovisão? Foram essas e outras indagações que me estimularam a construir caminhos que me levassem a encontros que gerassem diálogos para, senão responder, pelo menos compreender minhas inquietações.

É difícil determinar quando começou a minha percepção das diferenças entre as pessoas, principalmente em relação à cor da pele. Durante a infância, na escola, as festas se destacavam como momentos de interação, nos quais a diversidade parecia se manifestar harmoniosamente. Conceitos como racismo, diferença, preconceito e desvalorização das pessoas com base em suas características físicas ou crenças não eram por mim compreendidos na época. No entanto, experiências de racismo foram gradualmente sendo percebidas, especialmente ao notar que algumas pessoas e grupos tinham mais direitos que outros, não se situavam socialmente às margens da sociedade local.

As minhas experiências pessoais de exclusão incluem a de outros familiares em grupos culturais, religiosos, na escola e na comunidade local. Frequentemente, havia exclusão com base em justificativas relacionadas à etnia. Eu e minhas primas não éramos convidadas e nem aceitas para os grupos de dança de origem italiana e/ou mesmo qualquer outro grupo de atividade cultural que a escola promovia, nem mesmo nas festas religiosas da comunidade. Quando ousávamos, recebíamos olhares de espanto e até mesmo escutávamos: “uma menina preta dançando”, “mas ela é preta”, “ela não tem sapatos e roupas adequadas”, “essa menina não pode coroar Nossa Senhora!”. Quando participávamos de algum evento, tinha que ser com o cabelo preso, “para não ficar feio”. Estudar sempre foi

¹ Maioria no ES é descendente de africanos. Disponível em: <https://www.al.es.gov.br/Noticia/2020/12/40200/maioria-no-es-e-descendente-de-africanos.html>. Acesso em: 10 mai. 2023.

para mim uma maneira de escrever outra história e, assim, aos 20 anos de idade, deixei a cidade de Muniz Freire para morar em Venda Nova do Imigrante-ES.

Em Venda Nova, onde a predominância étnica é italiana, a diferenciação entre etnias se tornou ainda mais evidente, tanto no ambiente de trabalho quanto no curso de Administração de Empresas que iniciei em 2003. Eu era a única pessoa negra em sala de aula, meus colegas vinham de famílias tradicionais da região. Os negros que via trabalhando nas lavouras da cidade ou em outros trabalhos considerados menos importantes não ingressavam à faculdade. Lá estavam os donos de comércio, gerentes de banco e os filhos dos donos das terras. O desejo de continuar estudando aumentava a cada dia, havia muitas perguntas sem respostas. Essas experiências despertaram em mim um desejo crescente de compreender e enfrentar as questões de diversidade cultural e racismo.

Em 2016 conheci em Venda Nova do Imigrante o professor José Walter Nunes, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional/PPGDSCI da Universidade de Brasília/UnB, que ali realizava sua pesquisa de campo sobre culturas e línguas em contato com diversas etnias (pomeranos, alemães, italianos, runsrück, holandeses e tirolezes). Passei a colaborar com ele na condição de auxiliar de pesquisa, rico momento de aprendizados práticos e teórico-metodológicos nos campos da cultura, memória, história, diversidade étnico-cultural, história oral e história audiovisual. Com esta experiência, mais trocas de conhecimentos e inquietudes análogas com colegas professores da faculdade onde trabalho, interessei-me por voltar a estudar, ingressando no mestrado do PPGDSCI/UnB em 2020.

Desde então, dedico-me a esta pesquisa com o olhar voltado para as relações interraciais que me circundam. A pandemia do vírus covid-19 interrompeu bruscamente este processo, dificultando imprescindíveis contatos sociais – fundamentais nesta pesquisa – e também me adoecendo, ao contrair por três vezes esse vírus, inimigo mortal das pessoas e grupos mais vulneráveis da sociedade.

A vivência em Venda Nova do Imigrante e o contato com a Festa da Polenta - uma celebração anual, com alguns rituais restritos às pessoas e aos grupos da comunidade de descendência italiana e que mobiliza toda a cidade - despertou em mim o interesse em refletir sobre este tema a partir da pergunta: qual a inserção da comunidade negra, parte significativa da população local, naquele contexto da festa e da cidade?

Retenho na minha memória a 1ª vez em que fui à festa da Polenta. Lembro-me que era um sábado, e lá cheguei após as atividades de trabalho como garçoneiro em um dos restaurantes da cidade. Após às 21 horas, chegamos à festa. Antes, minhas colegas me alertaram para ir bem-vestida, pois era uma festa muito chique, com ingresso caro. Confesso que quase desisti, ao perceber que não tinha roupas adequadas para uma festa tão especial, mas os empréstimos de alguns itens de minhas colegas resolveram este problema.

Na chegada do Polentão, Centro de eventos Pe. Cleto Caliman, percebi que se tratava de uma festa bem-organizada e com colorida ornamentação, ficando impressionada com o tamanho do evento e quantidade de pessoas. Meu maior medo era me perder das minhas colegas, naquele contexto em que me sentia deslocada, insegura entre aquelas pessoas bem-vestidas, celebrando com pratos especiais, vinho, cerveja e refrigerantes. Minhas colegas, como eu, éramos migrantes naquele município, em busca de trabalho para prosseguirmos com nossos estudos.

Já na 2ª vez em que estive na Festa da Polenta trabalhei como voluntária, a convite da coordenação da faculdade onde estudava e por insistência dos amigos. Participei, mesmo com uma sensação incômoda. Senti-me, como sempre, fora do lugar, meio invasora de um espaço que não me pertencia. Este foi o meu sentimento: o de não pertencimento e, ao mesmo tempo, o de ser julgada diante dos olhares e perguntas sobre mim, minha família, meu grupo étnico. De repente me dei conta de como me sentia só em Venda Nova. Não sabia explicar a raiz desse sentimento. Quando cheguei na cidade era apenas uma menina de 20 anos. Hoje, duas décadas depois, sei que o sentimento de não pertencimento sempre me assombrou. Encontrei durante a pesquisa este poema do Ferreira Gullar. Recorro a ele aqui como uma forma de expressar essa dinâmica que perpassou/perpassa em mim:

Uma parte de mim é todo mundo
Outra parte é ninguém, fundo sem fundo
Uma parte de mim é multidão
Outra parte estranheza e solidão
Uma parte de mim pesa, pondera
Outra parte delira
Uma parte de mim almoça e janta

Outra parte se espanta
Uma parte de mim é permanente
Outra parte se sabe de repente
Uma parte de mim é só vertigem
Outra parte linguagem
Traduzir uma parte na outra parte
Que é uma questão de vida e morte
Será arte? (Gullar, 1980)

Dessa maneira, a Festa da Polenta me fez refletir e questionar sobre a importância simbólica e prática dos seus significados em termos das identidades dos moradores locais. Ao ser a festa mais importante da cidade e representar uma única cultura, branca e europeia, não deixa de ser uma prática simbólica de exaltação ao passado colonial. A ausência de uma representação cultural que tematizasse o povo negro me trouxe um forte incômodo.

Foi aí que ouvi falar da Pomitafro, uma celebração cultural realizada há-mais de duas décadas em Vila Pavão-ES, aos moldes da Festa da Polenta, mas que abre espaço para a participação de todos os grupos étnicos, inclusive para a comunidade negra, cuja identidade é representada e homenageada ao lado das demais etnias locais, de origem europeia.

Em 2019 os ecos da Pomitafro se fizeram ouvir em Venda Nova, tanto que naquele ano a comunidade negra recebeu um convite para participar da Festa da Polenta. Todavia, o que era para ser uma experiência de inclusão acabou se tornando uma sucessão de desafios e desconfortos, revelando a necessidade de uma abordagem mais inclusiva, respeitosa e realista da herança afrodescendente. Ao conversar com membros da comunidade negra que participaram do desfile em 2019, com o intuito de desenvolver uma pesquisa de mestrado sobre o assunto, pude perceber o quanto a referida experiência acabou tendo uma conotação negativa e até mesmo constrangedora.

De acordo com Celina Januário Moreira, autora do livro *História e memórias: a trajetória do povo negro em Venda Nova do Imigrante* (2010), a participação da comunidade negra na Festa da Polenta foi muito desafiadora. Ela relata que, de pronto, foi sugerido que os participantes negros vestissem roupas típicas italianas, como boina e suspensório, ao que ela reagiu:

foi nos feito um convite, mas nós não vamos para representar sua cultura, mas a nossa, porque nós temos a nossa cultura e ela é diferente da de vocês. Então nós vamos fazer a roupa de um casal representando o rei e a rainha africana, com roupa característica.²

Celina acha que a comunidade negra não foi acolhida da maneira como deveria e que o convite teve um papel de influência mais política do que inclusiva, uma vez que nos anos seguintes o convite não foi mantido nos mesmos termos e houve um ruído sobre o processo de seleção de pessoas para desfilar. Ela expressa sua decepção por saber que seus pais, assim como muitos outros, que chegaram na cidade há mais de meio século, continuavam invisíveis do ponto de vista das manifestações culturais e do senso de pertencimento à comunidade de Venda Nova.

A experiência incômoda na Festa da Polenta e o depoimento de Celina reforçaram a motivação para modificar o tema de pesquisa e focar meu objeto na Festa Pomitafro, que já nasceu com o propósito de ser um espaço de “integração” e celebração das três principais etnias de Vila Pavão.

Assim, minha busca pessoal e o interesse acadêmico por encontrar nichos de representatividade negra me fizeram chegar até a Pomitafro. Desse modo, a presente pesquisa se propõe a compreender as relações sociais e simbólicas entre os grupos étnicos que constroem e reconstróem a Pomitafro, a partir das noções de diversidade cultural, identidade e memória, destacando o papel e a importância dessas manifestações culturais enquanto espaço de retomada de valores ancestrais das comunidades negras, cujas tradições de lutas no passado e no presente reafirmam suas várias formas de resistir aos processos de subalternização e ao apagamento de seus bens culturais.

A descoberta da Pomitafro

Evento anual que celebra a diversidade étnica e cultural de Vila Pavão, localizada no noroeste do estado, a Pomitafro é uma festividade que reconfigurou, de forma considerável, a identidade cultural, administrativa e política do município. Seu principal

² Entrevista concedida por Celina Januário Moreira, Venda Nova do imigrante, outubro de 2023
Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

mérito é reunir as três principais etnias que povoaram a região – pomeranos³, italianos e afrodescendentes - em um ambiente que busca o ideal de integração, reconhecimento e celebração. Digo ideal porque adiante veremos que tal objetivo, na prática cotidiana, foi e ainda é interpelado por diversas tensões e conflitos.

A ideia da festa Pomitafro surgiu em 1989, através de um trabalho escolar que inicialmente se propunha ressignificar a concepção tradicional das chamadas festas juninas e passou a dar visibilidade das diferenças entre os povos formadores de Vila Pavão, exaltando a diversidade cultural e, principalmente, o respeito ao outro por meio de um festejo de caráter interétnico formado por imigrantes pomeranos e italianos e por comunidades afro-brasileiras, estas resultantes dos mais de três séculos de tráfico e escravização de pessoas advindas de várias partes do continente africano. Apesar das resistências iniciais, tais princípios foram incorporados e influenciaram diretamente o processo de emancipação política do município e a identidade cívica de Vila Pavão.

Enquanto isso, a juventude evangélica (IECLB) já tinha criado de forma subversiva um “Grupo de Danças Folclóricas Pomeranas”. Os professores, iluminados por essa iniciativa dos pomeranos, criaram e trocaram a festa caipira pela “Pomitafro” (festa pomerana, italiana e afro). A iniciativa teve grande repercussão na mídia e na opinião pública local, regional e estadual. O grupo italiano recebia um evento anual, os italianos e afros eram desafiados a se organizarem, pois o espaço anual para sua apresentação (Pomitafro) já eram convocados. O evento ou a festa cultural Pomitafro na época da sua criação não imaginava que depois de 4 realizações como uma festa da escola seria assumida pela administração municipal, tornando-se a festa do município e na verdade um grande movimento cultural (Jacob, 2023, p. 64).

Este estudo se propõe a investigar as memórias, os silenciamentos e as resistências que emergem com a proposta de integração dessas três etnias na trajetória da festividade, tendo como foco a busca de compreensão da reconstrução da identidade negra nesse processo. Parte-se do princípio de que a Pomitafro, enquanto manifestação cultural, pode ser compreendida como um movimento de luta e resistência contra o apagamento das identidades e experiências das comunidades negras capixabas.

³ Os pomeranos são originários de uma região localizada entre o norte da Polônia e da Alemanha, junto ao Mar Báltico, que fazia parte da antiga Prússia (1807-1870) e depois foi anexada ao estado Alemão em 1871. Os primeiros imigrantes chegam ao Espírito Santo em 1859 e esse processo migratório cessa em 1874, por restrição do governo alemão constituído.

Conforme observado por Faundez e Freire (1985), a cultura não apresenta coesão e ordem, desenvolvendo-se em um contexto de lutas e representações. As manifestações culturais, como as festas populares, são terrenos de troca e recriação da vida, onde as diferenças se tencionam e produzem o plural. Nesse sentido, surgem questionamentos pertinentes. Como as manifestações culturais podem ser espaços de debate e reflexão sobre a diversidade, contrapondo-se à hegemonia de uma tradição única – como se quer em Venda Nova do Imigrante e em outras cidades brasileiras, como Blumenau, Pomerode, dentre outras, como em cidades com populações indígenas urbanas - que marginaliza e silencia as vozes e experiências de outras comunidades?

Paulo Freire (2011) lembra que "todos os povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam". Nesse contexto, entende-se que as manifestações culturais de um povo, traduzidas nessa pesquisa a partir de uma festa popular, são terrenos de troca, de recriação da vida, em uma relação espaço/tempos em que as diferenças se tencionam e produzem o plural. É a confluência do que já foi, do que está sendo e do porvir. Tudo o que é produzido e vivenciado pelos seres humanos é cultura. Cultura é a forma “como o povo se compreende nas suas relações com o seu mundo” (Freire, 2011, p. 90).

Ao falar de cultura, rejeita-se a ideia de entendê-la como um modelo a ser seguido por todos os seres humanos, como um bloco único e coerente, o que levaria a incorrer no erro de adotar uma visão extremamente etnocêntrica (Faundez; Freire, 1985). A cultura não apresenta coesão e ordem e tampouco se reduz em práticas culturais explícitas. Ela se desenvolve no tempo e no espaço a partir das lutas e representações, desvelando-se as relações sociais em suas formas e diferenças que são “respaldadas historicamente pelas memórias das experiências de lutas passadas” (Monteiro, 2005, p. 4).

O reconhecimento da cultura negra no contexto da Pomitafro, potencialmente em pé de igualdade com as outras duas tradições de origem europeia, faz com que haja uma tentativa de reparação do processo de apagamento da herança africana no seio da sociedade de Vila Pavão e das tensões raciais existentes no município. Esse é o principal ponto de interesse da pesquisa: entender como esse processo ocorre e quais são os seus desdobramentos na construção de uma memória coletiva da comunidade afrodescendente, tanto na maneira como ela própria se vê, como na ideia que os outros atores sociais de Vila Pavão fazem dela.

Os depoimentos exibidos no documentário *Três Etnias, um sonho* (2011), de Felipe Correia, dão o tom do nível de tensão que existia na localidade antes da criação da Pomitafro. Em uma das cenas do filme, vemos a fala de Claudiney Helmer - coordenador do grupo afro de Vila Pavão e professor do Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Vila Pavão (CEIER), onde a Pomitafro nasceu - ressaltando a discriminação e o distanciamento existente entre os grupos.

Eles não conversavam, não se uniam, né! Um tinha preconceito contra o outro. A partir da formulação de um projeto chamado Pomitafro, que uniu estas três (...) etnias, é que começou então a se desenvolver, de forma mais harmônica, a união do povo de Vila Pavão (...) a gente percebe que a partir da união dessas 3 etnias, a gente não vê mais preconceitos como há pouco tempo atrás em que uma pessoa pomerana não poderia conversar com uma pessoa afro, e uma pessoa afro não poderia visitar uma casa de uma pessoa pomerana. Então, hoje essa união dessas 3 etnias possibilitou (...) uma maior integração entre as comunidades.⁴

Em outro trecho do filme a jovem Amabile de Oliveira relata que no município “há uma união muito interessante que tem que ser mesmo estudada, tem que ser contemplada, porque não é todo o estado que tem essa diversidade cultural”.

Em entrevista concedida para essa pesquisa a professora Sirleia Silva de Oliveira, uma das principais idealizadoras da Pomitafro, também reflete sobre o processo de marginalização da população negra existente na cidade, antes da festa ser implantada:

Eu percebia na comunidade uma resistência muito grande, a qualquer outra cultura, que não fosse a pomerana e a italiana. Tudo girava em torno do que era pomerano, do que era italiano e os negros que havia na cidade, na época era um Distrito de Nova Venécia, os poucos negros que havia ali eram bastante excluídos. Havia [em Vila Pavão] uma concentração grande de negros, várias famílias que moravam lá, e que viviam também muito isoladas, não havia uma interação, uma integração.⁵

As narrativas informam, portanto, que a Pomitafro logrou difundir e consolidar um sentimento de reconhecimento e união da população local que passou a ser a característica principal do município: a convivência “harmônica” entre as distintas

⁴ Conferir o filme completo disponível em:

https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=W8_mAPvYh58. Acesso em: 10 mar. 2023.

⁵ Entrevista concedida por Sirleia Silva de Oliveira. Vila Pavão, dezembro de 2021. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

tradições culturais que povoaram Vila Pavão. Especialmente se considerarmos que a proposta de inclusão cultural partiu de dentro de uma comunidade escolar, posteriormente assumida formalmente pelas instâncias do poder público, há um viés de pioneirismo na história da Pomitafro enquanto uma festividade intencionalmente agregadora de uma nova identidade plural a ser celebrada e remorada ano após ano.

Entretanto, apesar de ser um consenso partilhado pela sociedade pavoense, esse reconhecimento se construiu e se constrói, não sem episódios de tensões e disputas, especialmente em se tratando da comunidade negra, que é historicamente marginalizada em todo país devido aos fortes resquícios da mentalidade colonial escravocrata no Brasil.

Apesar de concordar com os avanços trazidos pela festa, em sua entrevista a professora Sirleia fez um forte relato da experiência de agressão física e xingamentos vivenciados pelas meninas de um grupo afro que se apresentaram na 1ª edição da Pomitafro, revelando como o processo de tentativa de integração teve momentos de embate e resistências, onde o racismo se fez presente.

Já na fala de Amabile, - que aparece em outro trecho do filme de Felipe Correia – a moça enfatiza que, graças ao projeto de integração trazido pela Pomitafro, ela se orgulha de ser uma jovem afrodescendente que integra o grupo de danças italianas. Amabile também relata um episódio de racismo vivido, mesmo depois de anos da consolidação da festividade no calendário oficial do município:

Num evento da assembleia, nós montamos um instante, onde falávamos do município. No último dia do evento tinha uma apresentação cultural, onde o grupo de danças ‘Picolo Pavoni’, no qual participo, foi fazer na entrada da assembleia, né? Chegou um senhor e apontou o dedo pra mim e falou o seguinte: “não aceito preto usando roupa italiana, não aceito preto com roupa italiana de jeito nenhum!”. Na hora eu não tive reação de nada, então eu fiquei quieta (...) eu chorei muito, tive uma reação de choro de não fazer mais nada, porque quando a pessoa fala isso, é como se ela estivesse fincando várias facas. É muita dor que você sente.⁶

Os depoimentos acima revelam que no cotidiano de Vila Pavão e redondezas, mesmo com os avanços trazidos pela festa, ainda se observa a experiência de se manter a subalternização da cultura e do povo negro. Na prática, na sociedade brasileira, o

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=W8_mAPvYh58. Acesso em: 10 mar. 2023.

preconceito ainda persiste, não apenas em atitudes e expressões, mas na não aceitação de pessoas negras em posições sociais que tradicionalmente “pertenceriam” às pessoas brancas. Ou seja, é o racismo operando para que nada se altere nessas relações, embora o Brasil já conte com várias políticas públicas e programas de inclusão social que se configuram em ações afirmativas voltadas para negros e indígenas.

A experiência da Pomitafro em Vila Pavão também pode ser vista sob a ótica da romantização da união pacífica das etnias, tal como uma “reedição” do chamado mito da democracia racial, conforme nos alerta Marcos Souza (2017), um dos principais estudiosos da festividade, que inspirado em Roberto DaMatta afirma:

Se esta fábula das três raças se arraigou com tamanha força ideológica, a ponto de penetrar em instituições e áreas distintas no plano nacional, não seria incoerente se se revelasse também em um nível micro, como em um pequeno município brasileiro. Com suas variantes peculiares, mas, em muitos aspectos se assemelhando à fábula a que alude DaMatta (1987), a “tríade étnica” de Vila Pavão se forma no seio social como uma cidade que se constrói, ao que parece, fortemente vinculada sob uma temática étnica (Souza, 2017, p. 156).

O aspecto idealizado de uma identidade étnica harmônica engendrada pela Pomitafro precisa ser considerado sob o risco de incorrer em uma análise superficial da festividade e seus desdobramentos. É aqui que entra o auxílio do pensamento decolonial como suporte para entender como as especificidades da cultura negra ainda são moldadas e homogeneizadas para atender a um padrão europeu de celebração e reconhecimento.

Portanto, as perguntas desta pesquisa seriam: a festa Pomitafro promove o aprofundamento do debate sobre a diversidade? Que contribuição essa festa emprestaria à reconstrução da identidade das comunidades negras locais, historicamente vivendo às margens do quadro social, de modo subalternizado?

Com estas questões e outras já apontadas passei a caminhar em busca de procedimentos teórico-metodológicos que me levassem aos contatos com os protagonistas da festa. Decidi trabalhar com os parâmetros da História Oral uma vez que ela tem como uma de suas características centrais o registro de depoimento dos sujeitos excluídos da história oficial e tem o mérito de proporcionar uma mudança de olhar e perspectiva tanto do pesquisador quanto do sujeito pesquisado.

A História oral preocupa-se, fundamentalmente, em criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da

história oficial, tanto a “tradicional” quanto a contemporânea, e que não possuem formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais. (Guedes-Pinto, 2002, p.95).

Thompson (1998), Le Vem (1997) e outros teóricos da história oral assinalam que a qualidade da relação entre pesquisador e entrevistado tem um papel fundamental no resultado da pesquisa. No ato da entrevista o depoente pode transmitir diversos sentimentos e pode reformular ideias/conceitos e até mesmo a forma como se vê e concede sua identidade na medida em que responde as perguntas.

As entrevistas permitem ao entrevistado uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro. Ele se percebe “criador da história” a partir do momento em que se dá conta que, mesmo minimamente, transformou e transforma o mundo (talvez até sem ter a consciência disso), questionando elementos da vida social. Então ele para e reflete sobre sua vida e este momento é acirrado pelas entrevistas, ocorrendo com frequência - se vê como um ator social e “criador da história”. Essas pessoas, de objetos da pesquisa, se tornam sujeitos, pois percebem não só sua história de vida, mas seu projeto de vida nesse processo de autoanálise (Le Vem et al, 1997, p. 220).

De fato, para compreender a importância do envolvimento comunitário, a partir da percepção dos participantes, foram conduzidas entrevistas na perspectiva da pesquisa participante e outros métodos de pesquisa qualitativa. Por isso, na presente pesquisa os entrevistados foram escolhidos em função de seu envolvimento histórico e afetivo com a festa. Além dos mantenedores dos grupos afro e dos pioneiros/fundadores da Pomitafrô quis entrevistar também as rainhas da festa por serem ícones representativos da participação da comunidade afrodescendente.

Assim busquei ouvir foi aqueles que realmente tinham o desejo latente de falar sobre a representatividade da comunidade na festa, seja para criticar ou elogiar o evento. De acordo com Amado (1997), ao concordar em ser entrevistado o depoente geralmente “tem objetivos concretos a atingir, relacionados não ao historiador, mas a si próprio, ou seja: conceder ou não a entrevista é um ato voluntário, integrante de um complexo universo de interesses e estratégias” (p. 153). Uma das indagações que me moveram durante toda a pesquisa foi tentar mapear e entender o desejo de representatividade dos entrevistados e como esse anseio foi suprido ou não pela Pomitafrô.

As entrevistas permitiram capturar as experiências, sentimentos e opiniões dos moradores envolvidos na organização e celebração da Festa Pomitafrô. Além disso,

recorreu-se também do recurso da observação participante, levantamento e análise documental – documentos escritos, visuais, audiovisuais - e aplicação de questionários, segundo as necessidades que emergiam durante o desenvolvimento da pesquisa. Esses materiais foram colocados em diálogos com diversos autores, de campos de conhecimentos diversos, às vezes de diferentes correntes de pensamento, segundo as necessidades desta pesquisa de caráter interdisciplinar. Várias vozes na construção de uma narrativa final, provisória, aberta, inacabada como deve ser a História e que segue em permanente movimento, tal como seus personagens.

Nesse sentido, os entrevistados foram interpelados e ouvidos por mim dentro de uma perspectiva mais próxima, como uma partilha de experiências, uma vez que para Benjamin “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia.” (Benjamin, 1987, p. 213). Busquei, portanto, me afastar de uma racionalidade instrumental, técnica e homogeneizante, enquanto pesquisadora, e conversar com os entrevistados de pessoa para pessoa.

Nas entrevistas realizadas pelo presente trabalho, procurei me apresentar de forma simples, sem muitos formalismos, sempre antecedendo as perguntas com uma explicação sobre quem sou e sobre o propósito da pesquisa, como forma de criar um elo de confiança e conexão com os depoentes, ou seja, com os narradores da história que busco compreender e analisar.

No ano de 2021, fui a campo conhecer Vila Pavão e a Festa Pomitafro. A pandemia do vírus covid-19 interrompeu as festividades e me atentei para realizar logo as entrevistas com esperança de que, em 2022, pudesse ver de perto a Festa Pomitafro. A escolha dos entrevistados se deu de acordo com a atuação de cada personagem na organização da Festa Pomitafro. Desde os primeiros idealizadores, como o professor, sociólogo e secretário municipal de assistência social Jorge Kuster Jacob, a professora de Ensino, Médio Cirleia Silva de Oliveira e a secretária municipal de cultura de Vila Pavão, Libian Timm Pagnoto.

Passado a pandemia, em 2022 voltei para uma semana de trabalho de campo na cidade e entrevistei as rainhas da festa com o objetivo de identificar como era a realização do desfile e a representação das mesmas no decorrer das festividades. Na ocasião entrevistei as rainhas da 23ª Pomitafro: a de descendência italiana, Mariana Antones Oliveira, a afrobrasileira, Alexia Mara Farias do Nascimento, ambas com 23 anos. Por motivos pessoais a rainha pomerana não pode estar presente na entrevista.

Também participei de uma roda de conversa com os alunos do professor Erivelton Pessin, 34 anos, professor de História, mestre em Educação e doutorando em Ciências das Religiões, que atua na escola EMEF Prof^a Esther da Costa Santos. Algumas entrevistas com outros personagens que participam da organização da festa não foram possíveis diante das demandas do evento.

Realizei algumas entrevistas de forma remota como a com o Bruno Rapahel Santos, professor do CEIER e a com a Assistente Social e líder da comunidade afro Graciana Helmer Vinturino. Também utilizei como fonte de pesquisa o filme *Vila Pavão e as três etnias*, documentário realizado pelos alunos do Centro Estadual de Ensino Integral Rural/CEEIR e da escola Estadual Professora Ana Portela de Sá.

No primeiro capítulo, “Formação étnica e negritude no povoamento do Espírito Santo”, faz-se um breve um apanhado do povoamento do estado, destacando-se os desafios e resistências enfrentados pela comunidade negra em seu reconhecimento como parte integrante da cultura capixaba.

No segundo capítulo, "Pomitafro: uma experiência cultural transformadora", aprofunda-se a reflexão sobre a história da festa e seu impacto na conscientização da diversidade étnico-cultural em Vila Pavão, em detrimento de outras festividades que são monotemáticas e exaltam apenas a contribuição dos imigrantes europeus, tal como a Festa da Polenta de Venda Nova do Imigrante.

No último capítulo, "Avanços e tensões no processo de inserção cultural da comunidade negra na festa Pomitafro", analisa-se as estratégias utilizadas pela comunidade negra para superar os obstáculos e resistências à sua participação na Festa Pomitafro, além de discutir os avanços e desafios para a promoção da diversidade cultural e da igualdade racial em Vila Pavão e no Espírito Santo.

CAPÍTULO 1

Formação étnica no povoamento do Espírito Santo: a negritude

1.1-Terra de imigrantes

A colonização do estado do Espírito Santo foi um processo complexo que envolveu diversos grupos étnicos e culturais. Apesar de localizado na região Sudeste, a primeira a ser colonizada, o estado do Espírito Santo somente foi efetivamente ocupado por populações não autóctones no século XIX, com a chegada de diversos grupos étnicos europeus, destacando-se os italianos e os povos de origem germânica, atraídos pelo projeto oficial de colonização levado a cabo pelo governo imperial. De acordo com Dos Santos (2005), as vias de comunicação desempenharam um papel crucial na conquista territorial e na colonização estrangeira do Espírito Santo, destacando as desigualdades e injustiças decorrentes desse processo que explorou e escravizou centenas de milhares de indígenas e povos africanos, estes últimos trazidos pelo tráfico atlântico.

Marginalizada em relação às vizinhas, a capitania do Espírito Santo foi doada ao fidalgo português Vasco Fernandes Coutinho, que desembarcou nas terras em um domingo de Pentecostes, a 23 maio de 1535, sendo a terra, por esse motivo, batizada de Espírito Santo. A historiografia oficial aponta que a capitania se restringiu às atividades de subsistência até meados de 1830, uma vez que a produção açucareira, praticada entre os séculos XVI e XVIII, não logrou êxito na região e sua posição fronteiriça em relação ao mar e Minas Gerais— região envolta em questões de segurança, relacionadas ao trânsito do ouro - impuseram restrições de circulação que prejudicaram a ampliação de suas atividades comerciais. Somou-se a tal fato, a atuação de resistência dos povos indígenas locais, como os temidos guerreiros botocudo e os goitacás, que dificultaram a expansão de um movimento consistente de povoamento orquestrado pela Coroa lusitana. (Dos Santos, 2005).

Somente em 1801, durante o mandato do governador Antônio Pires da Silva Pontes Leme, foi criado o primeiro projeto de revitalização da região. Leme foi responsável por liberar a navegação do Rio Doce às terras de Minas, abolir as restrições de circulação local e sugerir a elevação do porto de Vitória a epicentro do escoamento da produção do ouro mineiro para Portugal. (Dos Santos, 2005). No entanto, as ideias de Leme não foram implantadas, mas levantaram questões importantes que lançaram um

olhar mais dedicado da Coroa lusitana e, posteriormente do governo imperial brasileiro, sobre a situação de “abandono” das terras capixabas.

Foi administração imperial que estimulou a participação massiva de imigrantes no povoamento capixaba, dominado pela colonização perpetrada por italianos e alemães, especialmente na região serrana. Com parte do território ainda desabitado, o governo do Espírito Santo vai aderir a uma política de incentivo à imigração europeia. (Barros, 2007). Isso não apenas com o objetivo de dirimir a “falta” de trabalhadores na lavoura, mas também com o intuito de incentivar o progressivo branqueamento da população e contemplar “o projeto de civilizar o Brasil.” (Bourguignon, 2012, p. 168).

Citando o trabalho de Rocha (1985), Soprani (2015) afirma que o governo imperial estabeleceu um programa de incentivo à imigração e a Província do Espírito Santo foi uma das selecionadas “para formação de núcleos coloniais para ocupação de territórios e ampliação de mão de obra” (p. 14), por meio do assentamento em pequenas propriedades. O surgimento de diversos municípios capixabas, portanto, tem relação direta com o processo de imigração como é o caso dos germânicos - alemães de Domingos Martins, dos pomeranos, suíços, luxemburgueses, holandeses, tirolezes - em Santa Leopoldina e em seu distrito, à época, de Santa Maria de Jequitibá, e dos italianos em Santa Teresa e Venda Nova do Imigrante, dentre outros municípios (Santos, 2017).

Em termos gerais, Rocha (1985) classifica a colonização capixaba em três períodos distintos. O primeiro, de 1847 a 1881 é marcado pelo auxílio financeiro concedido aos imigrantes, com o pagamento de passagens e uma ajuda de custo inicial e contempla o caso de Santa Teresa-ES. Foi nesse contexto que, em 1847, o então presidente da província do Espírito Santo, Luiz Pedreira de Couto Ferraz, autorizou o ingresso de 163 imigrantes alemães que fundaram a colônia de Santa Isabel, localizada no atual município de Domingos Martins. O projeto logo se estendeu para o norte, em direção ao rio Doce. Anos depois, em 1855 foi criado o núcleo de Santa Maria, no povoado de Cachoeiro de Santa Leopoldina. Logo Santa Leopoldina se tornou uma das mais populosas colônias do Império, abrigando também colonos suíços, franceses, holandeses, poloneses, italianos e pomeranos.

O primeiro grupo de pomeranos também fez parte desse período inicial e desembarcou em terras brasileiras no porto de Vitória no dia 28 de junho de 1859 (Rölke, 1996). O grupo era composto por 27 famílias totalizando 117 pessoas. Esse número aumentou exponencialmente entre 1872 e 1873, quando chegaram à Colônia de Santa

Leopoldina mais 1.459 imigrantes provenientes da Província Prussiana da Pomerânia (Gaede, 2012).

A partir de 1874 começaram a chegar os primeiros imigrantes italianos que também habitaram Santa Leopoldina e Santa Teresa, no vale do Timbuí, e passaram a se abrigar ao longo do Rio Doce, em direção à atual Colatina, intercalando-se com os germânicos.

Cabe destacar que Santa Teresa é considerada a primeira colônia italiana no Brasil ao receber 388 colonos provenientes das províncias de Trento e do Vêneto, desembarcados em terras capixabas no dia 17 de fevereiro de 1874 (Franceschetto, 2017). O grupo foi liderado pelo comerciante trentino Pietro Tabacchi⁷, a partir do incentivo do programa migratório patrocinado pelo Governo Brasileiro. Segundo o sociólogo italiano Renzo Grosselli (2008), a expedição Tabacchi foi o primeiro caso da saída em massa de imigrantes da região norte da Itália para o Brasil.

Com a provação do projeto de Lei nº 296/2011, de autoria da deputada estadual Luzia Toledo (PMDB), a cidade de Santa Teresa recebeu o título de “capital estadual da imigração italiana”. Sete anos depois, o pioneirismo do município foi ratificado pela Lei federal nº 13.617/18⁸ que institui no calendário brasileiro o dia 26 de junho como data do reconhecimento de Santa Teresa-ES como município pioneiro da Imigração Italiana no Brasil.

Em 1888 iniciou-se, com italianos, a colonização ao norte do rio Doce, no vale do São Mateus. Ao todo parece ter se estabelecido neste vale, desde Santa Leocádia até Boa Vista, cerca de 3.000 imigrantes em diversos núcleos e em condições tão precárias que a situação provocou intensa reação na Itália, culminando com a proibição, por parte do governo de Roma, da emigração de italianos para o Espírito Santo. De qualquer forma este movimento povoou o braço sul de São Mateus até a altura de Muniz Freire. (De Abreu, 1967).

O segundo período, que se estendeu de 1882 a 1887, a concessão de subsídios foi extinta, o que diminui o ingresso de estrangeiros. O terceiro período, de 1888 a 1896, é marcado por um expressivo movimento de pressão dos produtores rurais junto ao governo

⁷ Pietro Tabacchi foi um comerciante e aventureiro oriundo de Trento, que deixou a Itália fugindo dos seus credores, após a falência dos seus negócios devido a situação econômica da Europa naquele momento histórico (Grosselli, 2008).

⁸ A partir do projeto de autoria do então deputado federal Sérgio Vidigal (PDT/ES).

e a conseqüente instalação de núcleos coloniais próximos às grandes lavouras com o intuito de otimizar a produção de café (Rocha, 1985).

Ao longo do século XIX e início do século XX, o estado acabou abrigando a rebarba da cultura cafeeira que, devido ao desconhecimento de técnicas avançadas de cultivo, se tornou altamente predatória, exaurindo os grandes latifúndios e fazendo com que a cultura fosse empurrada do eixo Rio-São Paulo para o sul do Espírito Santo. (Bourguignon, 2012).

O cultivo tardio do café também atraiu processos migratórios internos com a chegada de trabalhadores de diversas partes do Brasil, especialmente do Nordeste, em busca de oportunidades de trabalho e melhores condições de vida. Como mencionado por Souza (2016), esses movimentos migratórios contribuíram para a diversidade étnica e cultural do estado, enriquecendo sua identidade e sua história.

1.2- A invisibilização do negro na sociedade brasileira e capixaba

O estado do Espírito Santo recebeu uma significativa população de africanos escravizados que foram utilizados, durante quase três séculos, como principal força de trabalho nos canaviais e lavouras de café. O importante estudo de Cleber Maciel nos dá conta de que os primeiros registros da chegada de africanos escravizados no Espírito Santo datam de 1540 com início da produção açucareira. Ao realizar um profundo trabalho etnográfico sobre o estado, Cleber afirma que “os historiadores são unânimes em afirmar que a capitania do Espírito Santo era uma das que mais fazia contrabando de escravos” (Maciel, 2016, p.64).

Segundo a pesquisadora Adriana Campos (2011), a população de escravizados no Espírito Santo teve um aumento significativo entre 1790 e 1872, de 6.834 para 22.659 pessoas, logo após a decadência do ciclo do ouro em Minas Gerais e o estado conquistou uma certa autonomia. Entretanto, como destacado por Saletto (1985), a transição do trabalho escravo para o trabalho livre na economia cafeeira do Espírito Santo teve impactos profundos sobre as populações negras da região, deixando marcas na cultura e na sociedade capixaba.

Diversos estudos apontam que o processo de contratação da mão-de-obra de imigrantes europeus no Brasil foi influenciado por um pensamento excludente/racista, uma vez que sua principal motivação não foi a proibição do tráfico (1850), mas antes o

estímulo de uma política migratória estatal balizada pelo ideal de modernização, moralização e progresso, privilegiando a adoção de uma organização societária de influência europeia e, posteriormente, no conseqüente embranquecimento da população. (Villen, 2015).

Em contrapartida, houve a massiva recusa dos latifundiários e antigos senhores de contratar negros libertos, pagar-lhes um salário digno, tratá-los como trabalhadores e não mais como escravizados, especialmente no Espírito Santo.

A crise propagada pela falta de mão-de-obra cativa, especialmente na grande lavoura cafeeira na região sul da província, e a falta de sensibilidade dos cafeicultores em perceber o colapso do sistema escravista, como fizeram outros cafeicultores de outras províncias, trouxeram conseqüências para os fazendeiros. Muitos latifundiários tiveram que repartir as suas terras em pequenos lotes e vendê-los aos colonos italianos. Em contrapartida, o colono deveria vender a produção à sua firma de comercialização. Essas terras eram vendidas aos colonos a preços módicos e a longos prazos. Com frequência cada vez maior, os fazendeiros subdividiam as suas propriedades em lotes para vendê-los para os colonos. (Pandolfi; Vasconcellos, 2005).

A partir da promulgação da chamada Lei do Ventre Livre (1871) e da Lei dos Sexagenários (1885), as divergências entre proprietários, escravizados e libertos se tornaram mais evidentes e incentivaram uma política de imigração mais agressiva.

Partindo de uma lógica economicista, Celso Furtado explicita a total ausência de “incentivo para que trabalhadores nacionais livres (incluindo-se libertos alforriados e seus descendentes) se deslocassem em massa para a região cafeeira paulista.” (Furtado, 2007, p. 2003). Para ele, o trabalhador egresso do sistema escravista era “totalmente desaparelhado para responder aos estímulos econômicos” da época e que as vantagens da mão-de-obra europeia “eram demasiadamente óbvias.” (Furtado, 2007, p. 203). Todavia, o autor resvala para argumentos ideológicos quando justifica que os negros libertos eram dotados de um “rudimentar desenvolvimento mental” (p. 204), que os faziam tendentes ao ócio.

Apesar da obra clássica *Formação Econômica do Brasil* ter sido escrita em 1959, o livro de Furtado reproduz o ideário antropológico evolucionista de muitos intelectuais do final do século XIX e início do século XX, como é o caso de Nina Rodrigues, cujo pensamento promoveu a desqualificação biológica do negro e do mestiço, interferindo de forma significativa na construção sociopolítica da noção de cidadania de ambos. (Rodrigues, 2009).

A política de imigração brasileira foi interpelada por ideias eugenistas e racistas no alvorecer do século XX, influenciando na formulação de políticas públicas excludentes e na invisibilização do negro enquanto sujeito de direito.

O pensamento social brasileiro entre o fim do século XIX e o início do século XX, influenciado por doutrinas pretensamente científicas recebidas da Europa com certo atraso, foi dominado pelo discurso do racismo. Acreditava-se, com base numa teoria das raças produzida especialmente para a realidade local, que a economia nacional, com o esgotamento do modo de produção escravagista, passaria por uma grave crise de escassez de mão-de-obra, uma vez que os negros e mestiços, que compunham em grande parte a população nacional, eram inaptos para o trabalho livre. A solução para o problema concebido pela inteligência nacional da época foi a implementação de uma política de imigração, que tinha como objetivo atrair para o País o maior número de imigrantes brancos europeus, garantindo, assim, a um só tempo, a melhoria biológica da população e os braços necessários para atender às demandas de trabalho existentes, notadamente do setor agrícola. (Fulgêncio, 2014).

O fim do tráfico em 1850, no entanto, não impediu o intenso fluxo de comércio clandestino de escravizados nas regiões de Cachoeiro de Itapemirim, Piúma, Guarapari, Vitória, São Mateus, que ocorria sob as vistas grossas do governo brasileiro que, vez por outra, aprisionava um navio. (Maciel, 2016, p. 108).

Um levantamento publicado pela Secretaria de Polícia provincial de 4 de abril de 1857 revela que no estado havia uma expressiva população de negros e pardos (28.720), inclusos escravizados e libertos, em relação aos homens brancos livres (1.431). Chama a atenção o fato de que, oficialmente, do total de habitantes na Província, 12.269 eram escravos. Isso significa que, de cada quatro pessoas, uma não tinha liberdade. Os indígenas recenseados somavam 6.319 e constavam no campo de pessoas livres. É provável que muitos grupos de indígenas ainda habitassem áreas não povoadas por colonizadores, o que, evidentemente, reconfiguraria esses números. Outro detalhe é que, do total de homens livres, apenas 1.431 eram brancos. A maioria era parda, chegando a 13.825 pessoas. Havia ainda um grupo de 2.626 negros livres. (Soprani, 2015, p. 50-51).

Entretanto, apesar da presença expressiva, a população negra era constantemente silenciada e relegada à marginalidade. Segundo Maciel (2016), após a abolição a grande maioria dos negros libertos passou a se fixar nas matas e praticar a agricultura de subsistência, mas eram perseguidos pelo governo como grupo de ‘bandoleiros’, sob a

alegação de que o estado deveria ser rapidamente povoado por colonos europeus por meio da doação e da venda de terras (p. 112).

O editorial do Jornal A Província, de 16 de junho de 1882, teceu uma crítica ao povo capixaba considerado sem ambição e entregue ao “ócio” e a “vagabundagem”, “arredios da faina do trabalho sulista”, dando a entender que o desamor pelo trabalho era fruto da presença negra no estado. (De Barros, 2007, p. 48).

A partir de 14 de maio de 1888, o negro liberto, portanto, se viu enredado em um dilema material e moral, completamente desamparado pelo poder público e pela sociedade, sendo obrigado a encontrar formas alternativas de sustento para si e seus dependentes.

Não por acaso a criminalização da vadiagem veio menos de um ano depois, perpetrada pelo Código Penal de 1889, no Capítulo XIII- Dos vadios e capoeiras, que em seu artigo 399 determinava que:

Deixar de exercer profissão, ofício, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meio de subsistência e domicílio certo em que habite; prover a subsistência por meio de ocupação proibida por lei, ou manifestamente ofensiva da moral e dos bons costumes:’ ‘Pena de prisão celular por quinze a trinta dias. (Pierangelli, 1980, p. 316).

No caso dos negros libertos que viviam em território capixaba, apesar das perseguições e do preconceito, parte da população conseguiu sobreviver inicialmente de forma autônoma através da pesca, do extrativismo e do plantio de pequenos roçados onde geralmente cultivavam mandioca, banana e feijão.

Muitos estudiosos afirmam que parcela da população pobre, formada por escravos, pretos e mestiços livres, foi, em parte, absorvida como mão-de-obra rural em relações de trabalho semelhantes ao arrendamento, meação e colonato. Entretanto, na medida em que o tempo passou, os negros que aí se enquadravam foram perdendo essas posições. Nas regiões litorâneas, principalmente, muitos negros puderam sobreviver de certa forma independentes da realidade econômica centralizada, sem serem submetidos à exploração dos senhores rurais e urbanos. Como pescadores e coletores de mariscos, plantando algumas raízes, criando animais, caçando ou coletando plantas, muitos negros mantiveram vida própria, preservaram sua memória ancestral e, hoje em dia, constituem as maiores e vastas representações da cultura do povo capixaba. (Maciel, 2016).

Maciel (2016) traz o relato do cientista alemão, Ernest Wagemann, que esteve em uma colônia alemã no estado, em 1913, e registrou um aspecto importante: a presença de negros já assentados em pequenos pedaços de terra isolados – onde viviam reclusos, como uma espécie de pequenos quilombos - e desenvolveram pequenas benfeitorias. Ao encontrar tais terrenos, vistos como “uma oportunidade de negócio”, os colonos expulsavam os negros e aumentavam os limites das plantações, se utilizando de artifícios legais para regular as posses, “transformando-as em suas propriedades.” (Saletto, 1985, p. 110 e 111 apud Maciel, 2016, p. 113).

Entretanto, a narrativa da vagabundagem associada à negritude insistia em estampar as manchetes dos jornais e alimentar a mentalidade racista, forjada pelos antigos escravagistas que não aceitavam remunerar os trabalhadores negros que até a abolição - e ao longo de três séculos - foram considerados como mercadoria e propriedade. (Maciel, 2016).

1.3 -Colonialidade

É preciso destacar que, em termos de construção do projeto colonialista, a questão racial teve um papel fundamental ao estabelecer hierarquias entre quem domina e quem deve ser dominado/subjugado, “como dimensão estruturante do sistema-mundo moderno/colonial” (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2019, p. 11).

Para levar adiante seu projeto de expansão, a colonialidade - entedida aqui como é a forma dominante de controle de recursos, trabalho, capital e conhecimento limitados a uma relação de poder articulada pelo mercado capitalista (Ballestrin, 2013) - classificou os povos, tendo como base de superioridade e conhecimento o fenótipo ocidental europeu, utilizando-se do conceito de raça como um dos instrumentos de dominação mais eficazes e longevos (Carvalho, 2001). Os quais influenciaram diretamente as relações sociais, culturais, políticas, ambientais e econômicas (Quijano, 2005).

Considerada “o lado obscuro e necessário da modernidade.” (Mignolo, 2003, p. 30). A colonialidade concentrou o controle de recursos, conhecimento e trabalho nas mãos dos que ditam as regras do mercado capitalista. Ela se estrutura e alimenta “relações dominantes de poder, ser e saber.” (Ballestrin, 2013). De acordo com Dussel (2000), como um conceito basicamente eurocêntrico a modernidade produziu diversas formas

de desigualdades, justificando a dominação, exploração e escravização da população africana e indígena.

Ao conceber o mundo de forma universal e homogênea o processo histórico da modernidade categorizou e polarizou o mundo entre a centralidade europeia e os demais continentes/povos considerados periféricos.

Na perspectiva dessa centralidade, a colonialidade de poder, exercida pelo domínio da força bélica, invadiu territórios em além-mar e subjugou os povos colonizados relegando-os a uma situação de inferioridade e propagando comportamentos e discursos ainda persistem em nossa sociedade. A classificação hierárquica dos seres humanos entre civilizado/selvagem, evoluído/primitivo, racional/irracional, de acordo com argumentos religiosos, filosóficos e pseudocientíficos dá o tom da colonidade do poder como pilar central que influencia os demais mecanismos de dominação. (Lugones, 2014).

Já a colonialidade do saber silencia o conhecimento e a cultura produzida pelos países considerados periféricos enquanto a colonialidade do ser justifica e ratifica a inferioridade dos grupos oprimidos pela modernidade através da linguagem que promove um processo de desumanização. (Maldonado-Torres, 2008).

Nesse sentido, para entender o silenciamento e a marginalização da população negra no Espírito Santo é preciso pensar dentro de uma perspectiva decolonial que concebe o racismo como:

Um princípio organizador ou uma lógica estruturante de todas as configurações sociais e relações de dominação da modernidade. O racismo é um princípio constitutivo que organiza, a partir de dentro, todas as relações de dominação da modernidade, desde a divisão internacional do trabalho até as hierarquias epistêmicas, sexuais, de gênero, religiosas, pedagógicas, médicas, junto com as identidades e subjetividades, de tal maneira que divide tudo entre as formas e os seres superiores (civilizados, hiper humanizados, etc., acima da linha do humano) e outras formas e seres inferiores (selvagens, bárbaros, desumanizados, etc., abaixo da linha do humano). (Grosfoguel, 2019, p. 59).

1.4- Democracia racial(izada): uma análise do racismo à brasileira

O racismo à brasileira tem a peculiaridade de exaltar o processo de mestiçagem ancorado no chamado mito da democracia racial.

O mito das três raças [forneceu e ainda fornece] as bases de um projeto político e social para o brasileiro (através da tese do ‘branqueamento’

como alvo a ser buscado); permite ao homem comum, ao sábio e ao ideólogo conceber uma sociedade altamente dividida por hierarquizações como uma totalidade integrada por laços humanos dados com o sexo e os atributos ‘raciais’ complementares; e, finalmente, é essa fábula que possibilita visualizar nossa sociedade como algo singular - especificidade que nos é presenteada pelo encontro harmonioso das três ‘raças’. Se no plano social e político o Brasil é rasgado por hierarquizações e motivações conflituosas, o mito das três ‘raças’ une a sociedade num plano ‘biológico’ e ‘natural’, domínio unitário, prolongado nos ritos de Umbanda, na cordialidade, no carnaval, na comida, na beleza da mulher (e da mulata) e na música. (Damatta, 1987, p. 69).

Não sem razão, a suposta formação cultural e social do Brasil, oriunda interação entre as matrizes africana, europeia e indígena, enraizara todo um *modus vivendi*, que perpassa memórias sociais e narrativas de estruturas do Brasil colônia. Os trabalhos de Gilberto Freire, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro, entre outros, tentaram, cada um a seu modo, com enfoques diversos, enveredar por um Brasil, em que raça (ou *etnia*) figura como um critério relevante para entender as dinâmicas sociais, presentes em um país marcado pela desigualdade socioeconômica, sob um espectro racial. (Souza, 2017).

Nesse diapasão, e para melhor entender o conceito de democracia racializada, ampara-se, aqui, no texto de Miguel Arroyo (2015) que examina a negação e afirmação do direito à educação dentro do contexto do poder e do conhecimento, que permeia as tensas relações entre as elites e os grupos sociais étnicos, raciais e subalternizados na história. O autor aborda essas questões a partir de duas perspectivas.

A primeira perspectiva está relacionada ao reconhecimento das possibilidades e limitações da garantia dos direitos, que são condicionados pela maneira como esses grupos sociais e raciais foram concebidos e posicionados dentro do padrão de poder, dominação e subalternização (Arroyo, 2015). Ainda de acordo com o autor, a história influencia e molda a forma como esses direitos são garantidos ou negados.

O segundo ponto de partida abordado pelo autor é o reconhecimento de que as formas de resistência dos grupos sociais e raciais subalternizados em relação a esse padrão de poder e conhecimento têm sido determinantes para avançar na garantia de seus direitos (Arroyo, 2015). O autor também destaca a importância das ações e estratégias de resistência desses grupos na luta pela garantia do direito à educação.

Conforme apontado por Sen (2010), no Brasil, a população negra, assim como pardos e indígenas, continua enfrentando exclusão e privação de seus direitos humanos

fundamentais. A raiz desse problema não está apenas na situação atual do país, mas remonta à própria história e ao modelo de desenvolvimento adotado desde tempos remotos, baseado na escravização e nas profundas desigualdades econômicas e sociais entre colonizadores e colonizados.

Assim, para se integrar a discussão, mostra-se a linha do tempo do mito da democracia racial.

Figura 1: Linha do tempo da democracia racial no Brasil



FONTE: Acervo da UFF (2023)

A partir dessa linha do tempo, percebe-se como o chamado mito da democracia racial se consolidou num país tão diversificado como é o Brasil. A narrativa sobre a interconexão entre o racismo e a ciência não é tão vasta quanto geralmente se presume, mas tampouco é tão breve a ponto de concluir-se com os eventos do fim do século XIX e início do século XX. Pelo contrário, a partir desse período, o racismo expandiu-se e disseminou-se globalmente, afetando cada vez mais pessoas e moldando políticas públicas em diversas nações. No caso das comunidades negras, mesmo após a abolição da escravidão em muitos países, elas continuaram a enfrentar discriminação, exclusão e marginalização. Antes, a condição de escravizados justificava sua posição social inferior; após a abolição, a ideia de raça, considerada como uma condição natural e irrevogável, passou a ser usada para sustentar a manutenção da hierarquia social e da segregação (Fadigas, 2015).

Durante o século XX, o racismo foi o cerne de conflitos de grande magnitude, como o holocausto da Segunda Guerra Mundial e o regime de Apartheid na África do Sul. Desde então, diversas iniciativas internacionais e movimentos sociais surgiram com o objetivo de combatê-lo. (Munanga, 2004).

Apesar da afirmação de Munanga (2004, p.11) de que "após a abolição das leis do apartheid na África do Sul, não há mais racismo institucionalizado e explícito em qualquer lugar do mundo", isso não indica que o racismo tenha sido completamente erradicado das sociedades humanas, nem impede que atos racistas ocorram diariamente em todo o mundo. Na verdade, o que é mais prevalente nos dias de hoje são manifestações de racismo culturalmente implícito e comportamentos racistas sutis em diversos níveis da sociedade.

Assim, com base na premissa de que a Ciência é inseparável da sociedade que a molda e, portanto, está intrinsecamente ligada aos fatores culturais, políticos e econômicos que influenciam essa sociedade, é possível deduzir que o racismo também persistiu de maneira sutil e implícita no meio científico. Embora o racismo tenha sido reconhecido como uma prática antiética na ciência, atualmente há pouco ou nenhum espaço, pelo menos nos principais centros de pesquisa, para trabalhos que expressem claramente pontos de vista racistas. No entanto, isso não significa que não haja mais pesquisas que se baseiem em pressupostos racistas, adotem metodologias discriminatórias ou gerem conclusões com implicações racistas (Fadigas, 2015).

Exposto isso, salienta-se que as teorias de embranquecimento surgiram nas últimas décadas do século XIX e no início do século XX (1870-1930), fortalecendo a estrutura social brasileira que foi profundamente marcada por um longo período de escravidão (Santos, 2009). O processo de embranquecimento do Brasil é uma característica do racismo existente, mesmo que por muito tempo tenha sido tratado como algo inexistente, apesar das evidências históricas que demonstram a realidade do tecido social do país.

A elite política e intelectual acreditava que a miscigenação racial causaria "degeneração", e para eles, o futuro da nação estaria comprometido devido à presença de um grande número de "raças inferiores". Para remediar essa situação, acreditavam que a solução seria aumentar numericamente a população branca. Por isso, permitiu-se a entrada no Brasil de cidadãos europeus e asiáticos para servirem como mão-de-obra (Cá, 2018).

Assim, a concepção de que o Brasil deveria buscar a formação de uma única raça, a branca, foi advogada por "intelectuais" como Nina Rodrigues, Silvio Romero e Oliveira Viana, influenciados pelas teorias racialistas difundidas no século XIX. O objetivo desses pensadores era que os negros abandonassem seus valores culturais e passassem a adotar os padrões culturais dos brancos (Cá, 2018).

Devido à responsabilização dos negros pelo atraso do país, surgiu o desejo de reverter essa realidade do passado escravista a qualquer custo. A partir desse ponto, começou-se a promover a imigração europeia para o Brasil como uma estratégia para "embranquecer" o país e eventualmente transformá-lo em um Estado "civilizado" dominado pela raça branca. A elite política acreditava que resolver os problemas do país em várias áreas, como no sistema econômico e na construção de uma nação "eficaz" para alcançar o desenvolvimento, passaria necessariamente por esse processo de branqueamento da população (Santos, 2009).

Nesse sentido, o processo de branqueamento da população se reflete também na subalternização das manifestações culturais advindas da diáspora africana.

CAPÍTULO 2

Pomitafró: uma experiência de inserção cultural

A história do município de Vila Pavão é descrita no site da prefeitura municipal a partir da construção da ponte sobre o Rio Doce, em Colatina, e da abertura da estrada que liga Nova Venécia a Vila Pavão, no ano de 1940. Tais obras teriam desencadeado o povoamento e a colonização do município. Os tropeiros e caminhoneiros faziam divulgação “das terras quentes” aos imigrantes pomeranos e italianos no Sul do Estado e nas regiões de limite com Minas Gerais. Foi isso que atraiu grande número de descendentes pomeranos e alguns italianos para o local.

O município de Vila Pavão foi emancipado de Nova Venécia no dia 1 de julho de 1990, o dia do plebiscito, também considerado o “Dia da Cidade”, em um movimento conhecido como “Emancipavão”, fruto do movimento formado por professores, políticos e comerciantes (Souza; Melo; Beiersdorf, 2017).

O município foi colonizado na década de 1920 por caboclos que fugiam da seca do sertão e madeireiros e, após 1940, por algumas famílias de descendência italiana e pomerana. O nome “Vila Pavão” foi dado por tropeiros que pernoitavam na casa do “pavão” existente na encruzilhada onde hoje fica o centro da cidade, cuja varanda tinha o desenho dessa ave.

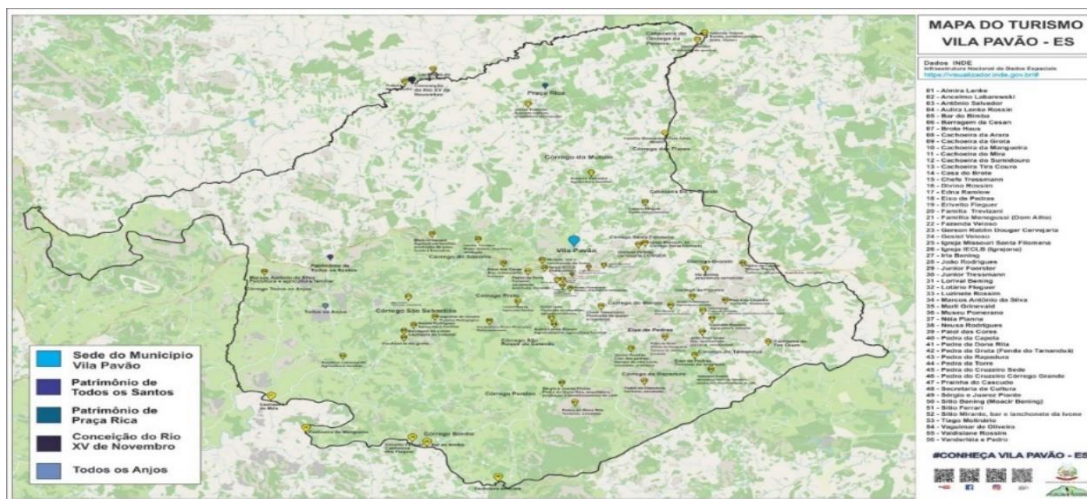
Vila Pavão tem hoje mais de 9.000 habitantes, dos quais 78% residem na zona rural. Grande parte dos moradores dedicam-se primordialmente à agricultura familiar, com relevo composto por elevações de granito denominadas “pedras”, que fazem da região uma das mais bonitas do Brasil. O local também abriga uma das maiores jazidas de granito do Brasil.

Instituída em 1989, a partir de um projeto de uma comunidade escolar, a Pomitafró tem o mérito e o grande desafio inovador de buscar exaltar a tríade étnica do município de Vila Pavão – formada essencialmente por descendentes de italianos, pomeranos e afrodescendentes - a ponto de modificar não apenas a cena cultural da cidade, mas sua própria identidade institucional e cívica do município.

Chamada de *movimento* por seus criadores, a celebração surgiu a partir da ideia de docentes do antigo Centro de Integração e Educação Rural-CIER, hoje denominado Centro Estadual Integrado de Educação Rural-CEIER, quando debatiam o planejamento

escolar e resolveram organizaram um trabalho de integração das diferenças culturais a partir de um festival artístico no âmbito educacional.

Figura 2: Mapa de Vila Pavão



Fonte: site da prefeitura

Aqui é importante sublinhar como a concepção humanista do projeto CIER deu importante contribuição como escola do campo que serviu de base para o surgimento e o sucesso tanto do *Emancipavão*, como da Pomitafro. Idealizados na década de 1980, os Centros Estaduais Integrados de Educação Rural (CEIER) foram criados pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura, em convênio com o MEC e as Prefeituras Municipais⁹ para promover o “aprender/ensinar” (Freire, 2009) no contexto das comunidades camponesas como um projeto político pedagógico diferenciado por meio de reflexões problematizadoras que valorizam o sentimento de pertencimento, a inclusão, as atividades interdisciplinares e as parcerias entre a escola e a comunidade.

Alinhado com a pedagogia freiriana onde o papel do educador “era atuar e lutar em um processo dialógico com a comunidade escolar pela humanização” (Jacob, 2023, p. 110) o CIER de Vila Pavão (CEIER/PV-ES) sempre teve como princípio a participação efetiva da população local, característica que certamente ensejou a criação da Pomitafro.

A escola do CIER buscava parceiros com a participação da comunidade para definir sua metodologia de trabalho. Em Vila Pavão, a grande maioria era de agricultores e agricultoras familiares. Por isso, escola começava a debater também a criação de um evento cultural que

⁹ O 1º CEIER foi instalado em Boa Esperança-ES, em 1982. No ano seguinte foram abertas as unidades de Águia Branca e Vila Pavão pela

abraçasse sua identidade camponesa e étnica. Junto com os alunos de 5ª a 8ª series, bem como com os pais destes alunos refletiam uma proposta pedagógica comprometida com a agricultura familiar de Vila Pavão. A escola já funcionava 3 anos com conteúdo e metodologia de uma escola comum, até a comunidade debater a criação de um evento cultural comprometido com a realidade local (Jacob, 2023, p. 64).

Portanto, a inquietação dos professores é contemporânea do próprio movimento Emancipavão que se concretizou um ano depois com a autonomia oficial do município. Pode-se afirmar que o Emancipavão teve no CIER e na Pomitafro o seu ponto de efetivação inicial, conforme revela a recente pesquisa de Claudney Helmer (2023).

Em sua dissertação de mestrado, Helmer (2023) publica uma foto que contém uma legenda impressa no canto inferior direito com os dizeres “Pomitafro; núcleo de criação”. Acima o autor nomeia como “Reunião semanal do grupo Emancipavão” (Helmer, 2023, p. 35).

Figura 3: Núcleo de criação Pomitafro no CIER



Fonte: Arquivo da Secretaria de Cultura de Vila Pavão-ES

Na entrevista realizada pela pesquisa com Jorge Kuster Jacob, um dos mentores do movimento Emancipavão, professor de História e diretor do CIER entre 1988-1989¹⁰, ele confirma que a Pomitafro teve uma influência direta na emancipação política de Vila Pavão.

¹⁰ Jorge também foi Secretário Municipal de Educação, entre 1999-2003 e Secretário de Municipal de Cultura e Turismo de 2003 a 2011.

A Pomitafro ao mesmo tempo que ela trabalhava os grupos de danças, esses mesmos integrantes eram representantes dos grêmios estudantis. Nós tínhamos dois grêmios estudantis, eles eram os mesmos representantes na reunião que a gente fazia toda segunda, para discutir e encaminhar o processo de emancipação política e o mesmo grupo que discutia a organização da Pomitafro.¹¹

Jorge conta que seu interesse pelo tema da reconstrução étnica do povo de Vila Pavão, onde nasceu e foi criado, veio de sua autodescoberta tardia como pomerano, e não descendente de alemães, como sempre se identificava. Estabelecidos em Vila Pavão na segunda metade do século XIX, os descendentes de pomeranos foram localmente perseguidos ao serem confundidos com alemães entre as décadas de 1940 e 1950 – durante e após a Segunda Guerra Mundial - pelos chamados *bate-paus*, uma espécie de milícia formada por civis e militares antinazista. (Souza, 2017).

Desejoso de reconstruir as tradições culturais de seus ancestrais e ciente de que outros grupos étnicos do município vivenciavam situação semelhante, Jorge acatou o pedido de alguns professores da escola para que fosse organizado um festival que contemplasse as diversas etnias presentes, em substituição à festa junina que, no entendimento de Jorge, não tinha relação com as tradições locais.

A Pomitafro tem uma história muito interessante, que ela surgiu nesse debate de contestação da festa caipira e da escola onde eu começava a dar aula. Depois de tanto eu falar, me botaram como diretor. A metade mais um ficou a favor de acabar com a festa caipira e criar a Pomitafro, a metade menos um, de repente, ficou contra. Aí você olhava para a quinta série e dizia: ‘pô, você é descendente afro, ela tem característica de ser africano, você mora onde?’ (...) ‘Ah esses aqui são pomeranos da praça Rica. Aqui tem um grupo de italianos, do centro da cidade. Aí eu pensei: ‘vamos criar uma festa, botando essa história no palco, vamos evidenciar essa pesquisa’.¹²

A fala de Jorge traz um debate muito interessante entre a atribuição de sentido da memória para uma dada comunidade. Para Benjamin (1985) o conceito de memória e de narrativa se articulam, aliando as experiências das coisas vividas, à exigência do presente. Há uma relação entre instante e memória que se contrapõe a visão de um desenvolvimento

¹¹ Entrevista concedida por Jorge Kuster, Vila Pavão, Dezembro de 2021. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Arquivo Mp3.

¹² Entrevista concedida por Jorge Kuster, Vila Pavão, Dezembro de 2021. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Arquivo Mp3.

temporal *continuum*, exaltando a rememoração do passado no agora. Dessa forma Benjamin argumenta que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é uma chave para o que veio antes e depois.” (1985, p. 37).

Essa dimensão contemporânea da memória, pode ajudar a entender como o surgimento da Pomitafro veio de um desejo de ressignificar e construir uma memória de grupos antes invisibilizados na sociedade de Vila Pavão. O poder de rememorar a cultura das etnias que compõe a comunidade a cada ano, através da celebração da festa, ressignifica a tradição a cada novo presente.

Desde o princípio a Pomitafro caracterizou-se por ser uma festa de cunho interétnico e intercultural que está presente em sua própria denominação: POM de pomerano, ITA de italiano e AFRO de afro-brasileiro como representação intencional do mosaico étnico que compõe a região.

A primeira edição da festa ocorreu em 27 de agosto de 1989, em referência ao mês do folclore, e se caracterizou, desde o início, por apresentar um apanhado de comidas típicas e danças folclóricas das diversas etnias.

Na primeira Pomitafro, nós botamos só uma barraca. Tinha polenta, pizza italiana, feijoada afro e brote, uma comida típica pomerana. A primeira festa deu aquele impacto pois o grupo de danças ia se apresentar. Uma senhora que era afrodescendente, que era professora do CIER, ficou encarregada de ensinar à quinta série a dançar tarantela, além de trazer um grupo de mulheres de Nova Venécia de dança afro, bem legal.¹³

Até a 3ª edição a festa ocorreu no CEIER e as demais em outras locais da região central da cidade, sempre envolvendo outras escolas e a comunidade. Apenas três anos após a emancipação de Vila Pavão, a festa se tornou uma das principais referências da cidade. Em 1993, a Lei Orgânica nº 1/93, em seu artigo 194, determina que a festa Pomitafro entre para o calendário oficial da cidade e se realize anualmente junto com a Festa da Emancipação política do município.

No mesmo ano, a prefeitura instituiu uma comissão local para eleger o brasão do município por meio de um processo seletivo. Os membros da comissão, incluso o próprio Jorge, que na época era Secretário Municipal de Educação e Cultura¹⁴, eram quase todos

¹³ Entrevista concedida por Jorge Kuster. Vila Pavão, dezembro de 2021. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Arquivo Mp3.

¹⁴ Também compunham a comissão: Lucinete Buge Zucатели, professora; Karin Hilde Dieter, diretora do

idealizadores da Pomitafro (Souza, 2022). Apesar da predominância de elementos pomeranos, o brasão escolhido teve o intuito de transmitir a diversidade dos povos que habitam o município, segundo depoimento do próprio Jorge publicado no jornal *A Voz do Norte*:

O brasão pavoense é um dos mais expressivos e bonitos do estado. Juarez conseguiu colocar dentro de um sol o mapa de Vila Pavão e suas montanhas. Além da torre da “Igrejona” [luterana], que é um cartão-postal do município. Temos também um casal que representa as nossas manifestações culturais tão bem-feitas na POMITAFRO. Em cima, temos a cabeça e as asas da águia que tem a sua origem pomerana e significa vigilância. Um ramo de café, principal cultura e sustentáculo econômico do município e do outro lado um ramo de diversificação agrícola que caracteriza a produção de nossos pequenos agricultores, maioria absoluta do município. Na faixa abaixo, primeiro de julho de 1990, data do plebiscito, onde o povo foi dizer sim à emancipação. Por essa participação popular, foi decretado como “dia da cidade”, pelo primeiro prefeito de Vila Pavão. (Apud Souza, 2022, p. 41).

Figura 4: Brasão de Vila Pavão



Fonte: SOUZA, 2022.

Mas é na bandeira e, especialmente, no hino de Vila Pavão que sua característica pluriétnica se faz presente com mais clareza. As cores verde, vermelho e azul representariam, respectivamente, a contribuição dos imigrantes italianos, africanos e pomeranos. As três etnias aparecem na primeira estrofe do hino da cidade, composto por Vilma Berger Schraiber e musicado por Micaela Berger.

Figura 5: Bandeira de Vila Pavão



Fonte: SOUZA, 2022.

Pomeranos, Italianos, Africanos
Com coragem desbravaram este chão.
Com suas tropas vieram rumo ao norte
Para enfim chegar a Vila Pavão
Enfrentando na viagem chuva e sol
A essa terra querida chegaram
O verde do lugar se destacava
Aqui muitas matas avistavam
Céu azul brilhante e limpo
Nuvem sem poluição.
Muro natural de rochas
Nossa agricultura é forte
Nosso solo é muito bom.
Se abençoa Deus com chuva
Brota toda plantação,
Brota toda plantação.

Refrão

Hoje, hoje você que habita este chão.
Tenha muito orgulho e o defenda com paixão!
Pois Deus não deixa de abençoar.
Vamos, pois, felizes cantar!
Pavoense sim, de coração! (bis)
De sol a sol fazendo a história
O povo luta, quer melhora
Mil novecentos e noventa, plebiscito
Quem lutou, sabe disso
Resultado esperado da união
O “sim” ganha, muita emoção.
Assim inicia nova história,
Após a emancipação. (Apud Souza, 2022, p. 46).

A grande característica da Pomitaфро é a de ter surgido em um ambiente laico, como a escola, o que possibilitou e fortaleceu seu caráter multicultural que, desde a sua idealização, já objetivava combater o racismo e o etnocentrismo presentes no cotidiano da cidade (Souza, 2017). Assim, Souza (2022) explica que o preconceito e as noções de

etnia ou raça aparecem com frequência na narrativa dos que explicam a motivação e a importância da Pomitafro.

O imaginário da Pomitafro se alimenta de um discurso de união contra a discriminação. Para tal, os descendentes de pomeranos são postos no discurso, ora como vítimas, ora como algozes. Como vítimas dos bate-paus; e como preconceituosos em relação aos negros. Mas, em ambos os casos, o que entra em cena é que o preconceito racial é supostamente vencido pela união, pela transposição de barreiras, resultando na emancipação política e no fortalecimento do município, traduzidos pelos símbolos de unidade, como síntese desta vitória contra o preconceito racial. (Souza, 2017, p. 158)

Entretanto, apesar dos conflitos e disputas simbólicas, é inegável que a Pomitafro é uma experiência única que transformou a vida da comunidade, dando maior visibilidade cultural e social a grupos étnicos antes praticamente excluídos da vida comunitária local. De acordo com Libian Paganoto, Secretária de Cultura e Turismo de Vila Pavão,

A Pomitafro divide a história de Vila Pavão em antes e depois. Antes da Pomitafro quem era daqui morria de vergonha de falar que era de Vila Pavão, porque tinha muitos pomeranos. A gente tinha vergonha de falar que era daqui, porque fora daqui nós éramos tratados como broteiros, como “lemão do pavão”, aquela cultura de que leão só toma banho dia de sábado. Pela Pomitafro, as pessoas aqui, pouco a pouco, foram criando a sua identidade, foram criando aquele sentimento de pertença à Vila Pavão e isso trouxe uma mudança fantástica... Foi o boom que aconteceu. (...) É um resgate de cultura, é a construção da identidade do ‘pavoense’, é um processo político cultural que culminou com a emancipação política de Vila Pavão do município de Nova Venécia.¹⁵

Jorge Kuster é um dos que fala com muito orgulho da festa e lembra que na 4ª Pomitafro, a festa chegou a reunir cerca de 25 grupos de dança do estado do Espírito Santo, incluindo japoneses e ciganos, propiciando um ambiente de convivência com a diversidade nunca antes vista no município.

Souza atribui o sucesso da experiência da Pomitafro ao fato de a escola ser uma instituição estratégica na formação de um povo ou comunidade. A Pomitafro partiu de uma experiência pedagógica a partir do “reconhecimento das dinâmicas sociais presentes em Vila Pavão, tais como o etnocentrismo e o preconceito” (Souza, 2017, p. 167).

¹⁵ Entrevista concedida por Libian Paganoto. Secretaria de Educação e Cultura de Vila Pavão, Dezembro de 2021. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

Gestada a partir da organização de uma “militância que luta em defesa da história de sua etnia, de sua valorização na localidade como parte formadora do município, bem como a necessidade de guardar as tradições dos antepassados” (Souza, 2017, p. 161- 162), a Pomitafro já nasceu com uma pretensão de manifestação de um ideal de luta que conseguiu sair do discurso para a prática. Tal iniciativa somente foi possível graças ao contexto escolar e social que “propiciaram condições desejáveis para que a festa se formasse e se ampliasse na municipalidade”. (Souza, 2017, p. 167).

Para o sociólogo Jorge Kuster Jacob, os grupos folclóricos permanentes pomeranos, italianos, africanos, e outros são fundamentais para manter festas culturais como a Pomitafro, a Festa Pomerana de Pancas, a de Santa Maria de Jetibá, a Festa do Brote de Laranja da Terra, a Sommerfest de Domingos Martins, e a Festa das Etnias de Itaguaçu. Esses grupos representam, estudam e debatem a identidade histórica e cultural de cada grupo étnico, município e comunidade, tornando-se um verdadeiro movimento cultural.

Não só o município, mas a região, o estado, o Brasil e o mundo tinham num evento muitos desafios de como fazer a sua língua, dança, música, culinária, vestimenta, livros, filmes, religiosidade, agricultura, comércio, entre outras manifestações poderem se apresentar nesse palco chamado Pomitafro. Antes, as escolas, as igrejas e outros grupos tinham um grupo de danças, por exemplo, que se apresentava numa festa e depois acabava. A Pomitafro, assim desafiava a permanência dos grupos culturais pois no próximo ano tinha outra Pomitafro, como também desafiava outros municípios a terem seu evento. Assim tanto “A Escola”, “O Grupo Cultural”, “O Evento (Pomitafro)” e “A Emancipação Política” é um processo constante. Debate permanente. Evolução. Revolução. (Jacob, 2023, p. 64).

2.1 - Organização comunitária e identidade negra na festa Pomitafro

O sucesso e a autenticidade, conforme dizem, da Festa Pomitafro residem no seu caráter participativo e colaborativo. Desde o planejamento até a execução, a comunidade desempenha um papel fundamental em todos os aspectos do evento. As lideranças locais, membros de associações culturais, artistas, comerciantes e voluntários se unem para organizar e viabilizar cada detalhe da festividade. Esse engajamento ativo da comunidade não apenas fortalece os laços sociais e culturais, mas também confere legitimidade e relevância à celebração.

A identidade é um constructo complexo que vai além de uma simples noção de individualidade. De acordo com Grosfoguel (2019), a identidade é formada através de um processo contínuo de negociação e construção social, influenciado por fatores históricos, culturais e políticos. Nesse sentido, a identidade não é algo fixo ou estático, mas sim dinâmico e fluido, moldado pelas interações sociais e pelas estruturas de poder dominantes.

Para Alcântara, Serra e Miranda (2017), a identidade é uma categoria fundamental para entender as dinâmicas étnico-raciais no Brasil. A colonialidade do saber, do poder e do ser molda as percepções e representações identitárias, criando hierarquias sociais que privilegiam determinados grupos em detrimento de outros. Assim, a identidade étnica e racial é frequentemente marcada por processos de exclusão e marginalização, refletindo as desigualdades estruturais presentes na sociedade.

Munanga (2004) destaca a importância da memória e da ancestralidade na construção da identidade negra. Para o autor, a história e as tradições culturais desempenham um papel central na formação da identidade étnica, fornecendo uma base sólida para a resistência e o empoderamento das comunidades afrodescendentes. Nesse sentido, as festas étnicas como a Festa Pomitafro funcionam como espaços de reafirmação e celebração da identidade negra, promovendo um senso de pertencimento e solidariedade entre os participantes.

A identidade também está intrinsecamente ligada ao território e à experiência vivida. Segundo Massey (2015), o espaço geográfico exerce uma influência significativa na formação da identidade, moldando as relações sociais e as percepções de pertencimento. Assim, a Festa Pomitafro, ao ocorrer em um determinado contexto geográfico e cultural, reflete e reafirma as identidades locais e até mesmo regionais, contribuindo para a construção de uma narrativa coletiva e compartilhada.

Assim, conforme discutido pelos autores, a identidade é um conceito multifacetado que envolve uma interação complexa entre memória, história, território e poder. No contexto da Festa Pomitafro, a identidade negra é celebrada e reivindicada através da participação ativa da comunidade, refletindo não apenas uma herança cultural compartilhada, mas também um compromisso com a resistência e a luta por igualdade e justiça social.

Logo, percebe-se que a organização e celebração da Festa Pomitafro representam um fenômeno complexo que transcende a mera realização de um evento festivo. Nesse

contexto, a importância do envolvimento da comunidade é um aspecto fundamental a ser considerado, especialmente no que tange à promoção e fortalecimento da identidade negra na percepção dos participantes. De acordo com Alcântara, Serra e Miranda (2017), a colonialidade do saber, do poder e do ser desempenha um papel crucial na compreensão das questões étnico-raciais no Brasil, fornecendo uma lente analítica para avaliar a dinâmica social subjacente à organização de eventos culturais como a Festa Pomitafro.

A comunidade negra, historicamente marginalizada e invisibilizada, encontra na Festa Pomitafro um espaço de afirmação e reconstrução de sua identidade cultural. Conforme destacado por Munanga (2004), a festa não apenas celebra as tradições afro-brasileiras, mas também funciona como um mecanismo de resistência e empoderamento frente às estruturas de poder dominantes. Através da participação ativa na organização do evento, os membros da comunidade têm a oportunidade de reivindicar sua história, sua cultura e sua contribuição para a sociedade.

A perspectiva decolonial, conforme apresentada por Grosfoguel (2019), lança luz sobre a necessidade de desafiar e subverter as narrativas hegemônicas que perpetuam o racismo e a exclusão social. Nesse sentido, a Festa Pomitafro emerge como um espaço de contra hegemonia, onde as vozes e expressões da comunidade negra são valorizadas e celebradas. Através da organização coletiva e do compartilhamento de experiências culturais, os participantes da festa reivindicam seu lugar na sociedade, promovendo uma visão mais inclusiva e pluralista da identidade brasileira.

Ademais, o papel das festas étnicas na construção da memória coletiva e na preservação das tradições culturais não pode ser subestimado. Conforme observado por Camargo e Goulart (2015), os eventos culturais como a Festa Pomitafro desempenham um papel central na construção de identidades e na promoção da coesão social. Ao reunir membros da comunidade em torno de práticas culturais compartilhadas, tais festividades fortalecem os laços sociais e reforçam o senso de pertencimento.

A importância do envolvimento da comunidade negra na organização e celebração da Festa Pomitafro é ímpar. Através do engajamento ativo e da participação colaborativa, os membros da comunidade afirmam sua existência, resistem à marginalização e afirmam sua herança cultural. Nesse sentido, a Festa Pomitafro transcende seu caráter festivo, assumindo um significado mais profundo como um espaço de empoderamento e celebração da diversidade étnico-cultural no Espírito Santo.

Ainda, a união dos grupos étnicos representados na Festa Pomitafro – os Pomeranos, Italianos e Afrodescendentes¹⁶ – reside na construção de uma narrativa coletiva que valoriza e celebra a diversidade cultural e étnica presente na comunidade. Essa união não apenas fortalece os laços entre os diferentes grupos, mas também promove um senso de pertencimento e solidariedade que transcende as fronteiras étnicas e culturais.

O significado e a essência desse ato de união podem ser compreendidos à luz dos conceitos de interculturalidade e convivência pacífica discutidos por Ballestrin (2013). Segundo a autora, a interculturalidade implica no reconhecimento e respeito mútuo entre as diferentes culturas, valorizando suas contribuições únicas para a sociedade. Nesse sentido, a união dos grupos étnicos na Festa Pomitafro representa um exemplo concreto de interculturalidade, onde as diferenças são celebradas e integradas em um espaço comum de convivência e compartilhamento.

Além disso, a união dos Pomeranos, Italianos e Africanos na organização e celebração da festa demonstra a força da solidariedade e da cooperação entre comunidades historicamente marginalizadas e discriminadas. Seguindo os princípios da luta antirracista e da promoção da igualdade racial defendidos por autores como Theodoro (2014) e Munanga (2004), a união dos grupos étnicos na Festa Pomitafro representa uma forma de resistência e empoderamento frente às estruturas de poder dominantes que perpetuam a exclusão e o racismo.

Com isso, percebe-se que a união na organização e celebração da Festa Pomitafro não apenas fortalece os vínculos comunitários, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e plural, onde a diversidade é valorizada e celebrada como um elemento enriquecedor da identidade coletiva.

Apesar do cenário de união e celebração representado pela Festa Pomitafro, é importante reconhecer que os povos negros enfrentam percalços e exclusão social mesmo dentro desse contexto. Apesar dos esforços para promover a inclusão e a igualdade racial, ainda existem desafios a serem superados para garantir que todos os participantes sejam tratados de forma igualitária.

A exclusão dos povos negros socialmente pode ser observada em diferentes aspectos da organização e participação na Festa Pomitafro. Por exemplo, a falta de representatividade nos espaços de liderança e tomada de decisão pode marginalizar as

¹⁶ Historicamente os organizadores da festa se referem à comunidade negra como “africana”

vozes e perspectivas dos participantes negros. Além disso, estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade podem influenciar as interações e relações entre os diferentes grupos étnicos durante o evento, levando à discriminação e ao tratamento diferenciado.

Apesar desses desafios, é importante destacar que a Festa Pomitafro pode proporcionar um espaço de acolhimento e reconhecimento para os participantes negros. Através da promoção da diversidade e valorização das tradições afro-brasileiras, a festa pode contribuir para a construção de uma cultura inclusiva e respeitosa. No entanto, é fundamental que os organizadores e participantes estejam conscientes dos desafios enfrentados pelos povos negros e trabalhem ativamente para combater o racismo e promover a igualdade racial em todos os aspectos da festa.

Assim, embora nem todos os participantes sejam tratados igualmente devido às estruturas de poder e privilégio que permeiam a sociedade, a Festa Pomitafro pode servir como um espaço de resistência e empoderamento para os povos negros, onde suas identidades e culturas sejam celebradas e valorizadas.

A tradição da escolha da rainha da festa - oriunda das festividades europeias de uma forma geral - na Pomitafro se multiplica por três. Assim, cada etnia tem garantido um posto de rainha, a cada ano cobiçado pelas jovens da cidade. A importância do concurso para a identidade da festa e da própria cidade pode ser constatada no destaque dado a foto das três rainhas no site da prefeitura. A imagem, exibida em 1º plano, mostra as candidatas eleitas desfilando em cima de um carro aberto em uma das principais avenidas da cidade.

O conceito de tradição de que estamos falando nada mais é, segundo Hobsbawm (1984), do que a ressignificação de costumes que são reinventados em novo contexto histórico, mas que possuem as bases em um passado comum, com o intuito de forjar comportamentos e valores:

Por tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (1984, p. 9)

Pode-se afirmar, nesse sentido, que a própria Pomitafro é uma tradição inventada que instaura práticas e tenta construir um novo sentido para a identidade tanto do

município de Vila Pavão quanto de seus moradores. A periodicidade anual da festa é marcada por práticas fixas que se repetem a cada ciclo, com o objetivo de exercer uma função ritual ou simbólica como é o caso do desfile, da eleição e do coroamento das rainhas.

Consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. Os historiadores ainda não estudaram adequadamente o processo exato pelo qual tais complexos simbólicos e rituais são criados.

Figura 6: Foto das Três Rainhas da 23ª Pomitafro que aparece na entrada do site da prefeitura



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Vila Pavão (<https://www.vilapavao.es.gov.br/>)

Em uma entrevista com as rainhas da 23ª Pomitafro (2022), a representante italiana, Mariana Antones Oliveira, e a representante africana, Alexia Mara Farias do Nascimento, ambas com 23 anos na época, observa-se que há uma profunda ligação das entrevistadas com a festa Pomitafro e como ela permeia suas vidas desde a infância. Elas compartilham suas experiências, desde a participação em grupos de dança até a representação das etnias como rainhas. Também discutem a importância da festa na

comunidade, tanto cultural quanto economicamente. A interação entre os diferentes grupos é destacada, assim como o apoio da comunidade e dos grupos locais. Eles demonstram um profundo apreço pelas tradições e um compromisso com a preservação e celebração da cultura local.

De acordo com as entrevistadas a participação na festa Pomitafro é uma tradição desde a infância, com envolvimento em grupos de dança e uma forte ligação com as três etnias representadas. Mariana destaca sua participação no grupo de dança Picolo Pavone, iniciada no mesmo ano em que se tornou rainha, ressaltando a importância da cultura e da união étnica.

Alexia relata sua experiência desde os sete ou oito anos, inclusive sendo eleita rainha mais tarde, e destaca a festa como uma experiência magnífica, unindo as três culturas de forma intensa.

A importância da Pomitafro também se reflete na educação, com as entrevistadas mencionando que a festa é abordada nas escolas, desde a educação infantil até o ensino fundamental, como parte do currículo, explorando as três etnias, pratos típicos e danças. Mariana e Alexia destacam que esse trabalho ainda é feito nas escolas atualmente, como parte das atividades pedagógicas.

Figura 7: Eu com as rainhas da festa da 23ª POMITAFRO



Fonte: Acadêmica, 2022

Além disso, a festa tem um impacto econômico significativo na região, conforme observado por Alexia. O comércio local se beneficia do aumento da demanda por roupas e outros produtos durante o período da festa. A presença de turistas também é evidente,

com uma alta demanda por acomodações. Vale destacar que, há alguns anos, a festa é uma das principais atrações turísticas da cidade que movimentam a economia do município.

A seleção das rainhas envolve critérios rigorosos, como mencionado por Alexia, incluindo idade, estado civil e residência no município. Esses critérios visam garantir que as candidatas tenham a maturidade e o compromisso necessários para representar adequadamente a festa.

Quanto à preparação das vestimentas, Mariana e Alexia explicam que as candidatas têm liberdade para escolher seus próprios modelos de vestidos, mas que há um investimento significativo de tempo e recursos na confecção e nos custos relacionados, incluindo maquiagem, cabelo e acessórios. O apoio da comunidade local é crucial para garantir que todas as candidatas tenham os recursos necessários para participar plenamente da festa.

No contexto social, a festa é uma oportunidade para as comunidades locais se unirem e celebrarem suas tradições culturais compartilhadas, como destacado por Mariana e Alexia. No entanto, elas também observam que não há rixas entre as diferentes etnias representadas, mas sim competição saudável entre as candidatas individuais.

A partir da análise dessas narrativas, percebe-se que Alexia e Mariana compartilham um forte senso de determinação e ambição. Ambas expressam uma vontade de alcançar seus objetivos e enfrentar desafios com resiliência. Além disso, ambas valorizam relacionamentos pessoais e demonstram preocupação com o bem-estar dos outros em suas narrativas, indicando uma convergência em termos de valores fundamentais. De toda forma, Mariana parece ser mais cautelosa enquanto Alexia demonstra maior disposição para assumir riscos.

Com as evidências fornecidas pelas rainhas da festa, corrobora-se que a Pomitafro não apenas preserva e celebra as ricas tradições culturais da região, mas também desempenha um papel vital no fortalecimento da identidade comunitária e no desenvolvimento econômico local. Pode-se perceber em suas falas que a tradição instaurada sempre incorpora novos valores, oriundos das práticas culturais – dentro e fora da festa - entre esses grupos, o que contribui para uma reinvenção permanente do evento, portanto da tradição.

2.2 - Expressões Socioculturais na Pomitafro

A riqueza cultural presente na Festa Pomitafro proporciona um ambiente propício para explorar as interações entre culinária e expressões artísticas dos diferentes grupos étnicos. Segundo Pollan (2006), a culinária é uma forma de expressão cultural que reflete a identidade e história de um povo, enquanto Appadurai (1986) destaca que a comida desempenha um papel central na construção da identidade cultural e na transmissão de tradições.

No contexto afro-brasileiro, pratos como a feijoada e o acarajé são exemplos marcantes da fusão entre as culturas africana e brasileira. De acordo com Ramos (2013), a feijoada tem origens nas senzalas brasileiras, onde escravos utilizavam partes menos nobres do porco e feijão preto para preparar o prato. Além disso, a culinária afro-brasileira é acompanhada por expressões artísticas como a capoeira, uma manifestação cultural que combina elementos de luta, dança e música, contribuindo para a preservação da história e identidade afrodescendente. (Almeida, 2010).

No âmbito afro-caribenho, pratos como o *jerk chicken* e o *ackee and saltfish* representam a diversidade e influências culturais da região caribenha. Segundo Mintz (1985), a culinária caribenha é caracterizada pela mistura de ingredientes e técnicas culinárias trazidas pelos povos africanos, europeus e indígenas. Além disso, as expressões artísticas como o reggae e o calypso são manifestações culturais que refletem as experiências históricas e sociais do povo caribenho, proporcionando um meio de resistência e celebração da identidade afrodescendente (Hebdige, 1987).

Já no contexto afro-americano, pratos como o *gumbo* e o *fried chicken* são exemplos da influência africana na culinária dos Estados Unidos. De acordo com Opie (2008), a culinária afro-americana é uma forma de preservar as tradições e memórias dos escravizados africanos, que adaptaram seus ingredientes e técnicas culinárias ao contexto americano. Além disso, as expressões artísticas como o jazz e o hip hop são manifestações culturais que emergiram das comunidades afro-americanas, refletindo suas experiências de vida e luta por igualdade (Kelley, 1997).

Além da rica cultura afrodescendente, a festa também proporciona um ambiente inclusivo para a expressão e compartilhamento das culturas italiana e pomerana, enriquecendo ainda mais a diversidade cultural do evento.

Na culinária italiana, pratos como a pizza, a pasta e o risoto são exemplos emblemáticos da rica tradição gastronômica italiana. Segundo Montanari (1999), a

culinária italiana é marcada pela valorização dos ingredientes frescos e sazonais, bem como pela importância das refeições como momentos de convívio e celebração da família. Além disso, a culinária italiana é acompanhada por expressões artísticas como a ópera, o renascimento e o barroco, que refletem a rica história e tradição cultural do país (Leach, 1986).

Por outro lado, a cultura pomerana traz consigo uma herança única, resultante da imigração de colonos germânicos para o Brasil no século XIX. Na culinária pomerana, pratos como o eisbein (joelho de porco), o strudel e o chucrute são exemplos marcantes da influência alemã na gastronomia da região. Segundo Piske (2002), a culinária pomerana é caracterizada pelo uso de ingredientes simples e tradicionais, bem como pela valorização das tradições culinárias transmitidas de geração em geração. Além disso, a cultura pomerana é acompanhada por expressões artísticas como o folclore, a música e a dança, que refletem a identidade e história do povo pomerano (Weege, 2005).

Dessa forma, a presença da cultura italiana e pomerana na Festa Pomitafro amplia as possibilidades de intercâmbio cultural e enriquece a experiência dos participantes, proporcionando um espaço de celebração e valorização da diversidade étnica e cultural presente na sociedade brasileira.

A Festa Pomitafro se consolida, assim, como um espaço de celebração e intercâmbio cultural, onde a culinária e as expressões artísticas dos diferentes grupos étnicos se entrelaçam, contribuindo para a preservação e valorização da diversidade cultural afrodescendente. Dessa forma, entende-se que o envolvimento dos diferentes grupos étnicos na organização e celebração da Festa Pomitafro desempenha um papel crucial na promoção do diálogo intercultural, na valorização da diversidade étnica e na construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Essa festividade representa um espaço privilegiado para o encontro e a interação entre pessoas de diferentes origens étnico-culturais, proporcionando uma oportunidade única para a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimentos e a construção de laços de solidariedade e respeito mútuo. Nesse sentido, o envolvimento ativo dos diferentes grupos étnicos na organização e celebração do evento contribui para fortalecer os laços de pertencimento e identidade cultural das comunidades afrodescendentes, bem como para promover uma maior compreensão e valorização da diversidade étnica presente na sociedade.

Estudos como o de Soprani (2015), Caliman (2009) e Souza (2022) têm demonstrado que a participação de diferentes grupos étnicos na organização e celebração

da Festa Pomitafro favorece o reconhecimento e a valorização das contribuições culturais e históricas de cada comunidade para a construção da identidade nacional. Ao destacar e celebrar as tradições, expressões artísticas, culinárias e demais aspectos culturais de diferentes grupos étnicos, o evento contribui para ampliar o repertório cultural da sociedade e para promover uma maior inclusão e representatividade das comunidades afrodescendentes e de outras etnias nos espaços públicos e nas políticas culturais.

Além disso, a participação ativa dos diferentes grupos étnicos na organização e celebração da Festa Pomitafro também pode contribuir para o combate ao racismo, à discriminação racial e à intolerância étnica, ao promover o respeito à diversidade cultural e o reconhecimento da igualdade de direitos e oportunidades para todos os cidadãos, independentemente de sua origem étnica ou racial. Assim, a importância do envolvimento dos diferentes grupos étnicos na Festa Pomitafro vai além da simples celebração cultural, constituindo-se em um instrumento de transformação social e promoção da cidadania plena e igualitária para todos.

2.3 -A experiência como palestrante da Pomitafro

Na ocasião da minha participação na 23ª Pomitafro, enquanto pesquisa de campo, o professor Erivelton Pessin, da Escola EMF Professora Esther da Costa Santos, me convidou para um bate papo com suas turmas do 6º ao 8º ano, totalizando cerca de 80 alunos. Todos os anos, a Secretaria de Educação incentiva os professores a trabalharem a “Pomitafro em sala de aula” com o intuito de: desenvolver atitudes democráticas e de respeito às diferenças, reconhecendo e valorizando a diversidade étnico-cultural brasileira; proporcionar momentos de reflexão e debate sobre a questão racial brasileira; estimular, de forma lúdica, o maior conhecimento sobre a cultura negra; promover uma reflexão sobre estereótipos e preconceitos cristalizados no modo de pensar das pessoas, sobre os povos negros, italianos e pomeranos e sua cultura; conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como os aspectos socioculturais de outros povos e nações, evitando qualquer posição discriminatória baseada em diferenças culturais, de classe, crença, sexo, etnia ou outras características individuais ou sociais.

Para trabalhar tais temas, o professor Erivelton Pessin criou grupos de debates sobre as três etnias e palestras. Nessa oportunidade, pude compartilhar com as crianças a minha pesquisa, como ela começava, quais povos eu já tinha pesquisado e todas as aprendizagens pelo caminho percorrido desde o início no mestrado. Considerando a amplitude e complexidade do tema, busquei trazer de forma lúdica a minha experiência na escola e de como era importante para eles ter mais uma oportunidade de dialogar sobre as etnias que compõem o município de Vila Pavão. Expliquei que na minha época de criança eu não tive essa possibilidade, apenas me contaram o lado oficial da história, ditado pelo olhar construído na colonialidade. No decorrer da vida adulta é que fui tendo acessos a mais informações e conhecimentos sobre o nosso processo histórico brasileiro e de que toda a nossa formação cultural emerge a partir de diversos povos sem excluir as especificidades de nenhum deles e, especialmente da herança negra.

Foi uma experiência muito rica e de trocas, pois os alunos me respondiam a cada pergunta, de acordo com as suas vivências escolares, sociais e familiares. Naquele momento percebi que a escola propõe um diálogo perene realmente frutífero sobre a contribuição das etnias. Como historiador, o professor Pessin busca trazer o contexto histórico brasileiro para a Pomitafro, elucidando os três povos e suas culturas e de como elas convergem entre si, promovendo a interculturalidade.

Na oportunidade, pude conhecer toda a escola e perceber que funcionários e alunos estavam empenhados em ornamentar a escola com murais, bandeirinhas das etnias e muita cor e alegria. Na semana que antecede a festa tem uma programação diferenciada, com recreios culturais, participação de alguns integrantes da banda Up Pomerisch, Grupo Italiano Infantil Picolo Pavone, desfile cultural, entre outras atividades que são desenvolvidas e que objetivam valorizar e perpetuar a riquíssima cultura dos povos.

A Escola EMF Professora Esther da Costa Santos, recebe os grupos de danças Italianas e Pomeranas de vários municípios do estado, que se apresentam no domingo da festa Pomitafro e se hospedam na escola.

Muitos foram os desafios vencidos nessa minha estadia na cidade de Vila Pavão. Estava há 3 dias fora de casa, pois antes de chegar na cidade, havíamos estado no quilombo de Linharinho, onde a professora Angela Peizini, colega de mestrado, pesquisa escolas quilombolas. Sendo assim, do lugar de participante do contexto da pesquisa,

enquanto pesquisadora e professora, procurei mergulhar no tema e espaço da coletividade, olhos atentos a procura de sujeitos dispostos dialogar, acreditando na contribuição dessa pesquisa para atuação docente e como cidadã, por meios de reflexões que mobilizam e despertam para a promoção de políticas e práticas que estimulam a interação e o respeito entre diferentes culturas e grupos étnicos.

A participação no trabalho na EMF, me fez refletir sobre a compreensão dos diálogos que emergem com as diversas culturas vivenciadas pelos sujeitos naquele território. E diante daquelas crianças tive um pouco de esperança de que a concepção da cultura pudesse ser compreendida em toda a sua complexidade a partir de um olhar decolonial, e não apenas como a repetição de estruturas. Como propõe Hall (ano?) a concepção de cultura é formada por um conjunto de significados partilhados compreende a importância do funcionamento da linguagem como processo de significação. Ou seja, a partir do estudo da origem e da contribuição da Pomitafro e das motivações de minha pesquisa que parte da busca de representatividade enquanto mulher negra na sociedade capixaba, cada aluno da escola EMF, pode construir uma nova significação da ideia de cultura, a partir das interações propostas pelo programa do professor Pessin que exalta uma das principais tradições da comunidade local.

2.4- A experiência como jurada da Festa Pomitafro

A convite da secretaria de cultura e turismo fui chamada para compor o corpo de jurados para a escolha das Rainhas da 23ª Pomitafro. Aceitei o convite, mas tive receio dessa responsabilidade, pois sei o que significa esse desfile para as comunidades que o promovem. Esse receio ou apreensão é baseada na minha experiência com o desfile da Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante, onde há sempre tensões entre as famílias da rainha ganhadora e das que não conseguiram o título. Sei dessa vivência, pois aceitei uma única vez trabalhar na organização no ano de 2016.

Há sempre os pedidos de sigilo e discrição antes do desfile, ninguém na cidade pode saber antecipadamente quem são os jurados. Logo, mantive a discrição na cidade durante meus dias por lá, palestrei na escola EMF e não comentei que estar ia à noite no

desfile. A comissão toma todo o cuidado para que não tenha problemas com essa eleição e percebi uma relação de torcidas e muitas expectativas das meninas para esse momento. Na ocasião não pude entrevistá-las e tomei como base as narrativas das rainhas que estavam para passar a faixa.

Estão aptas a inscrever-se no concurso, candidatas que preencherem os seguintes requisitos: Ser brasileira nata ou naturalizada; residir no município de Vila Pavão/ES; ter idade mínima de 16 anos e máxima de 26 anos completos, até o dia do desfile; ser solteira e não ter filhos e ter conhecimento geral da cultura de sua etnia. O concurso, organizado por Paulo Tressmann e Agatha Wutke, tem como objetivo, divulgar e promover a Pomitafro, além de valorizar a beleza das meninas pavoenses.

Na noite do desfile, o carro da prefeitura me buscou no hotel. Ao me dirigir à recepção encontrei outra jurada que representaria a etnia Italiana. Juntas seguimos para o evento e, no local, encontramos o 3º jurado, um homem que representaria a etnia Pomerana. As instruções para o júri são passadas na hora e recebemos os cartões de para votação, além dos critérios de acordo com o regulamento. As candidatas desfilaram em traje único, composto por uma roupa típica avaliada nos quesitos charme, elegância e postura. Outros quesitos são a criatividade na passarela, produção artística (penteados e maquiagem), simpatia e apresentação de um objeto típico que caracteriza a cultura da etnia representada pela candidata que é avaliada por um corpo de seis jurados residentes de outros municípios, escolhidos pela Comissão Geral Organizadora da 23ª Pomitafro que conheci lá.

Feitas devidas apresentações e protocolos, inicia-se o desfile, a ordem é de acordo com o nome POM -ITA -FRO e as candidatas à rainha entram ao som das canções de cada etnia. Enquanto isso, há o anúncio da sua família/sobrenome e depois novamente na passarela desfilam com um objeto de muito significado para sua família e narram a história sobre o mesmo.

Figura 8 e 9- Candidatas Afro e Rainhas Eleitas com os organizadores da Festa



Fonte: Acervo pessoal

A minha sensação naquele momento mexeu com as minhas emoções e despertou memórias que estavam em mim desde a infância. Por todo período escolar, víamos apenas a celebração de uma única cultura e não era a minha. Naquele dia as roupas, danças, objetos e canções, pela primeira vez, eram familiares tudo aquilo ali e, ao mesmo tempo, era diferente. Agora estava sentada em uma cadeira como jurada, eu que nem sequer tinha

a minha etnia e tradição cultural retratada na escola ou nas festas populares que frequentava. Esse pensamento me deixava tensa pois todas aquelas famílias ali, naquele momento no parque, torcendo por suas filhas. Havia faixas, apitos, cartazes e muitos gritos dos nomes delas. A tensão pela responsabilidade se misturava a sensação de que era legal estar ali, vivendo tudo aquilo, por um momento me sentindo parte de algo que visava valorizar minha cultura por tantos anos silenciada ou subalternizada. Eu e os colegas jurados compartilhamos com sorrisos de aprovação tudo que víamos. Logo em seguida, entra no palco as candidatas pomeranas, com suas roupas tradicionais e de época, apresentaram seus objetos e com seus sorrisos narravam seus ancestrais. As candidatas italianas desfilaram com roupas muito bonitas e com muita familiaridade com o palco, algumas delas fazem parte de grupos de danças, uma delas tocou uma cançoneta com acordeão e narrou a história dos avós. E, por fim, muda o ritmo do palco e sou tomada por um arrepio ao som de um tambor. Era o desfile das candidatas afro-brasileiras. Assim que entra a 1ª candidata meu coração muda seu ritmo, se emociona com tudo que vejo. É impossível não dar nota 10 a ela, que vem com um sorriso, tocando seu repique. Ela chega no meio da passarela, cumprimenta o público com uma música, e fala seu refrão saudando o seu povo negro presente que a ovaciona e a elege pelo feito. A meu ver, já estava claro que ela seria a rainha. Acho que a minha criança interior ficou feliz com aquela apresentação, com aquela possibilidade de afirmação, mesmo sendo um rito que ainda possui forte influência estrutural de um formato branco/europeu onde a disputa, por meio de um concurso/torneio de beleza, tende a tornar-se mais central do que a própria celebração intercultural. Apesar disso, havia ali um espaço definido de afirmação da herança negra que habitou e habita aquele território. E habita em mim, em meu corpo, em minha alma, um corpo território tal qual o conceito trabalhado no filme *Ori* (1989), narrado pela socióloga e ativista do movimento negro Beatriz Nascimento.

Ao chegar ao final do desfile, as rainhas eleitas, Patricia Krause (Pomerana), Emily Kethlim de Souza Dondoni (italiana) e Camila Santos de Oliveira (Afro-brasileira), foram coroadas pelo prefeito do município. Além da sonhada faixa e coroa, as candidatas receberam premiações em dinheiro e outros brindes, além de tornarem-se representantes da sua etnia até a próxima edição da Pomitafro. Todas as candidatas participantes do desfile receberam certificado de participação.

A importância da festa para o reconhecimento da diversidade cultural das etnias de Vila Pavão, bem como de sua valorização histórica pode ser constatada por meio da

sanção da Lei nº 1.551 de 21 de março de 2024, que institui o Programa permanente de Tombamento de Bens do Patrimônio Cultural Material e Registro de Bens do Patrimônio Cultural Imaterial do município e tem por objetivo proteger a salvaguarda e valorização da cultural local. Aqui os fazeres e costumes valorizados pela Pomitafro como as danças folclóricas, as comidas típicas, os rituais das benzedeiças, a língua pomerana e outros tantos saberes que constroem a identidade do povo de Vila Pavão passam a ser oficialmente registrados e catalogados para que se perpetuem para as gerações futuras.

Essa experiência do concurso de beleza, remeteu-me a Walter Benjamin: “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras” (Benjamin, 1987, p. 229). Essa afirmação vem de encontro às minhas experiências de percepção e reconhecimento do outro, da cultura, dos silenciamentos e suas narrativas. São experiências que constituem narrativas históricas não lineares, os tempos se entrecruzam, cheios de sobressaltos, conflitos, tensões e contradições, emblemáticos dos grupos subalternizados, que desafiam, enfrentam e rompem as cordas que os amordaçam no seu cotidiano. Perceber esse agora é lidar com a memória como forma de pensamento – apoderar-se de faíscas, imagens e experiências libertadoras do passado - para reconstruir outra história, uma contra-história.

CAPÍTULO 3

A participação negra na Pomitafro: Avanços e Tensões

Segundo a professora Sirleia de Oliveira, a primeira Pomitafro foi uma experiência desafiadora e bem “sofrida”, boicotada pela maioria dos professores. Para representar a comunidade afro-brasileira foram convidados um mestre de capoeira de São Mateus e um grupo de dança afro feminino de Nova Venécia, que também estava começando. No entanto, Sirleia relata que a apresentação da dança gerou uma reação negativa na plateia e algumas meninas foram vítimas de xingamentos e tiveram as roupas rasgadas.

Quando os outros grupos apresentaram, todo mundo aplaudiu, achou muito bonito. Quando o grupo afro de Nova Venécia apresentou, causou um incômodo muito grande, porque a roupa, os movimentos, já demonstravam uma sensualidade que não caracterizava o grupo italiano, nem o grupo pomerano. Isso causou um incômodo visível, tanto que depois da apresentação, as meninas saíram e tiveram a roupa rasgada, as pessoas passavam por elas xingavam (...) quando as meninas saíram foram empurradas com o ombro, foram arranhadas ... foi uma coisa muito, muito triste o que aconteceu lá.¹⁷

Sirléia conta que a reação foi tão constrangedora e hostil que o mestre de Capoeira, que se apresentou depois, se recusou a receber os aplausos. “No dia seguinte, várias pessoas ligaram para o Jorge, que era diretor da escola, e disseram: é isso que a piranha da Sirléia tá ensinando na escola?”, como se a apresentação de dança afro fosse algo inadequado e de baixo nível, em virtude dos movimentos mais tribais dos passos, em contraposição à dança ‘comportada’ dos demais grupos.

Tal episódio demonstra de forma clara a situação de exclusão e preconceito que enfrentava a comunidade negra de Vila Pavão no final da década de 1980. Mesmo com a festa mantida após as pressões infrutíferas de um grupo insatisfeito, Sirleia conta que a mentalidade excludente ainda estava presente nas primeiras edições da Pomitafro, quando os jornais se recusavam a registrar nominalmente os participantes negros, como faziam com os pomeranos e italianos, mencionando-os como “Sirleia e sua turma”. Ela também lembra que a barraca africana sempre foi uma das menos prestigiadas e que, na escolha

¹⁷ Ibid.

das chamadas rainhas da festa - nomeadas em uma espécie de concurso de beleza que elege uma representante de cada uma das três etnias - a rainha africana escolhida geralmente é a de pele mais clara, excluindo as candidatas de pele retinta. Aqui vemos claramente o fenômeno do colorismo¹⁸ que explica o aumento dos níveis de exclusão social de acordo com o tom da pele e outras características visíveis do fenótipo negro, sendo as pessoas de pele retinta mais marginalizados em relação às pessoas negras de pele mais clara.

3.1 - A influência sociopolítica e a gestão comercial da festa

Segundo Sirleia, apesar da institucionalização da festa ao longo dos anos, a discriminação persiste em várias instâncias e se reflete na falta de recursos da comunidade negra para investir em vestimentas, desfile, estrutura das barracas e divulgação, pois o apoio direto do município é simbólico e a festa ocorre com a colaboração fundamental dos comerciantes prósperos da cidade.

Em entrevista concedida para essa pesquisa, a Secretária de Cultura e Turismo de Vila Pavão Libian Paganoto também destaca que, apesar da inclusão da negritude, segundo ela, “a cultura afro-brasileira, aqui, nunca conseguiu deslanchar” e “das três vertentes, a cultura africana é muito frágil”. Libian lembra que, ao sair do âmbito da escola, a festa passou a depender da vontade política da prefeitura “e houve alguns anos em que a vontade política não foi suficiente para que a festa acontecesse”. A celebração chegou a ficar seis anos consecutivos sem se realizar.

Sobre a questão do choque de interesses políticos Souza (2017) discorre que:

A Pomitafro, dada sua importância no cenário local e alçada à condição de Festa da Cidade, precisou, por meio de alguns atores e instâncias locais, lidar com diversos posicionamentos políticos e/ou ideológicos, sendo um instrumento também alvo de disputas entre seus líderes, pessoas influentes, políticos, entre outros, no sentido de narrar o que seja e ou que não seja a memória social da localidade, sob seus respectivos prismas e posicionamentos que lhe são convenientes, gerando dissensões, por exemplo, entre os líderes dos grupos

¹⁸ O termo foi cunhado em 1982 pela escritora e ativista norte-americana Alice Walker, na obra *If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like.*, cuja tradução é “Se o presente se parece com o passado, como será o futuro?”

folclóricos e a Prefeitura, entre, no seu início, os organizadores e a igreja luterana local (Souza, 2017, p. 160).

Em sua análise Souza explicita como as disputas políticas podem influenciar diretamente a questão das narrativas sobre a memória da comunidade local, que todos os anos é reconstruída e ressignificada pela festa. O chamado lugar de fala, portanto, é disputado pois a partir dele se exerce poder. Ou seja, quem financia a festa acaba determinando que narrativas serão valorizadas em detrimento de outras e que recortes da memória social podem ser ressaltados.

Ao estudar as relações entre memória e discurso Pêcheux nos alerta para o fato de que a memória não pode ser

concebida como uma esfera plana, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos (Pêcheux, 1999, p. 56).

A exploração econômica e política da festa traz efeitos de tensão que afetam diretamente suas características originais e corroboram com a subalternização das atividades culturais relacionadas à comunidade negra. A falta de apoio e o desequilíbrio na captação e distribuição de recursos investidos nas atividades promovidas pelos grupos afro durante o festejo, acaba causando um aspecto de desigualdade latente na festa. Aqui ainda a estrutura de classes herdada do colonialismo fala mais alto, uma vez que a maioria da população negra local possui baixo poder aquisitivo e não ocupa cargos políticos influentes na administração pública do município. Os principais comerciantes da cidade e investidores da festa são os descendentes das etnias europeias ou se identificam com elas.

Tal situação se reflete de forma mais incisiva e concreta na realização das atividades relacionadas à cultura negra, uma vez que o valor de repasse pela prefeitura para os 3 grupos étnicos é apenas simbólico e gira em torno de R\$5.000,00. Segundo a assistente social efetiva da rede municipal e cofundadora do movimento Negro de Vila Pavão, Graciana Helmer Vinturino, que cuida da parte administrativa do grupo afro,

Dentro do evento e dentro do nosso dia a dia, nosso principal problema é o recurso financeiro, o recurso financeiro é muito complicado e o reconhecimento também né? A Pomitafro, ela é a festa da cidade, hoje nós não temos a festa da emancipação política como se tem em outros municípios, nós temos a Pomitafro, então ela se tornou uma festa da cidade, só que, quem faz a festa? É só o município? É só a administração? Não! Nós somos organizadores enquanto sociedade civil. Os outros grupos, Pomeranos e Italianos tem pessoas com melhores condições financeiras, além dos patrocínios que conseguem para organizar suas atividades e também suas respectivas barracas. (...) A nossa sociedade pavoense, é muito preconceituosa e nós temos problemas na questão do desenvolvimento comercial, do comércio em si, no desenvolvimento profissional da pessoa negra no nosso município. Nós não temos um comerciante negro bem sucedido no município, a maioria dos nossos comerciantes negros são de pequeno porte, são aqueles que estão na luta diária para que seu comércio não feche, o comércio aqui 99% é dominado por famílias brancas, isso também é um problema que a gente tem para enfrentar no nosso município e é um desafio muito grande pra gente como movimento negro, pra gente estimular os nossos comerciantes a se desenvolver, por que existe o preconceito internalizado em nós também do movimento, que a maioria das pessoas não querem bater de frente com as políticas públicas, a gente fica em um grupo muito reduzido, quando a gente se depara com essas brigas ... não é uma briga de violência, você entende né? É um desafio mesmo a ser enfrentado.¹⁹

O depoimento de Graciana, marca o profundo silêncio acerca de como o racismo se instrumentaliza no seio das vulnerabilidades do grupo afro e como o poder aquisitivo, o acesso informação, a capacidade de discussão e o posicionamento social são importantes para combater o panorama do etnocentrismo e do preconceito étnico. Apesar dos avanços que a Pomitafro proporciona com as afirmações étnicas existentes, o impedimento da possibilidade de participação plena do grupo afro.

Quando um comerciante negro chegava assim para desenvolver, ele era boicotado, havia boicotes, isso aconteceu até um ano atrás, entendeu? Então assim, a gente teve um comércio aqui né... que ele participou do nosso movimento, era ativo e tudo e do nada parou o movimento nesse comércio, as pessoas pararam de ir, depois da Pomitafro, que eles participaram de frente com a gente com as nossas brigas políticas, das questões étnico-racial no município, então isso ainda ocorre ainda por aqui.

¹⁹ Entrevista concedida por Graciana Helmer, através da plataforma Zoom, 18 de maio 2024.
Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

Tais situações relatadas durante a pesquisa, revelam que o conflito interétnico é um dos pontos enfrentados pela Pomitafro ao longo desses anos. O boicote que a Graciana relata é a efetivação de poder sobre o “outro”, uma delimitação de território. Fica nas entrelinhas de que na festa Pomitafro é um espaço de harmonia de representação cultural existente naquele município das três etnias que são reconhecidos em história, cultura e valores. No dia a dia as tensões desses grupos étnicos se perpetuam no racismo estrutural que impede até mesmo a real ascendência social das pessoas negras da comunidade pavoense.

Graciana alerta que o valor de repasse da prefeitura não custeia nem um terço do investimento ideal das atividades realizadas pela comunidade negra na festa – como montagem barraca, decoração, vestimentas, alimento, desfile folclórico, apresentação musical, dentre outros -mesmo sendo esse seu ponto central da Pomitafro quando foi idealizada como uma festa de afirmação cultural de grupos étnicos antes silenciados/subalternizados. O poder público de Vila Pavão acaba por priorizar a realização de shows nacionais com cachês elevados ou, como disse Graciana, que “não nos priorizam”. Ou seja, para Graciana parte dos valores pagos para custear o cachê de shows nacionais deveriam contemplar os 3 grupos étnicos que organizam as atividades da festa Pomitafro de forma mais equânime, dando ênfase para a comunidade negra - como pólo mais desprovido de recursos próprios – com o intuito de incrementar suas apresentações, esquinas culturais, barracas étnicas e promoção dos artistas regionais.

De acordo com os depoimentos colhidos, pode-se perceber que a principal vulnerabilidade e a tensão que aflige os organizadores e integrantes da comunidade afro é o fato de que a Pomitafro de hoje ter se tornado a grande festa turística da cidade, mais preocupada em atrair público externo, se adaptar a seus gostos musicais e arrecadar recursos para os cofres do município do que promover a cultura local que, por si só, já tem uma dinâmica socioeconômica que favorece os grupos de descendência europeia.

Na opinião do professor Erivelton Pessin, ao longo dos anos a Pomitafro

deixou de ser a festa da escola CIER e passou a ser feita e organizada pelo poder público. A cidade vai perdendo um pouco da sua identidade e diversidade étnica, passa a ser um “evento”, mas é uma manifestação cultural que tem que ser valorizada. Perde o povo e vai se perdendo a sua identidade...é algo negativo.²⁰

²⁰ Entrevista concedida por Erivelton Pessin, Vila Pavão, agosto de 2022. Entrevistadora: Maria

Na fala acima Pessin expressa sua real preocupação com o fato de a Pomitafro ter se tornando um evento municipal, abandonando aos poucos sua característica de manifestação cultural nascida de um projeto educacional que visava a inclusão social. Para ele, a Pomitafro é o momento culminante de todo o sonho iniciado na CIEER e o que possibilitou a transformação do município em um modelo de convivência mais pacífica e harmônica entre as diversas etnias.

Outro aspecto que se pode perceber é a proteção e estímulo que o poder público confere aos elementos europeus da Pomitafro. Me chamou a atenção a publicação da lei municipal nº 703/2010 que dispõe sobre a inclusão de show gospel e/ou católico entre as atrações musicais da Pomitafro, constante do Calendário de Eventos do Município, sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Vila Pavão/ES. Tal lei revela a necessidade do estado de assegurar que os elementos da cultura cristã (leia-se branca e europeia) sejam obrigatórios na festa. Não há lei semelhante para garantir que existam apresentações que façam referência às tradições negras locais como apresentações de grupos de jongo, congo, bois de reis e bate-flechas ou mesmo de conjuntos de samba/pagode, em se tratando da cultura negra nacional.

Em seu depoimento Graciana reclama que a prefeitura

Coloca quatro ou cinco shows nacionais e desvaloriza a nossa cultura. Poxa, nós temos cantores locais e eles tem que ser valorizados. A gente não está falando aqui que não tem que acontecer show nacional em um evento grande. Ao invés de colocar três, pode colocar um e dar abertura para os nossos locais aqui. Nós não temos aqui nenhuma banda afro, não temos, mas Conceição da Barra tá cheio! Então nós temos que valorizar aquilo que é nosso ou então, quer trazer um nacional, então por que não traz um que represente a cultura de cada etnia, a cultura afro, Pomerana e Italiano? Porque que tem que ser só o sertanejo, todo e todo ano? Não faz sentido algum! Essa também é uma briga e, enquanto movimento, a gente vai em busca de recursos aqui no município. Ai, a gente se depara assim: ‘poxa eu já ajudei o grupo do fulano’, a prioridade não é o movimento negro! Tem aqueles que são conscientes, vamos ajudar o grupo menor, porque nós somos o menor grupo.²¹

Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

²¹ Entrevista concedida por Graciana Helmer, Maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

Tais falas me levaram a refletir sobre o fato de que a Pomitafro, inicialmente criada para tentar reverter um pouco da lógica colonialista de invisibilidade, subalternização e hierarquização das etnias de Vila Pavão, foi instituída aos moldes estruturais de uma típica festa de imigrantes europeus no estado, tal como a Festa da Polenta (Venda Nova do Imigrante), a Festa Pomerana (Pancas), a Festa Santa Maria (Jetibá), a Festa Santa Maria (Jetibá) e a Pommer Broud Fest (Laranja da Terra), dentre outras.

Ao longo dos anos, a Pomitafro cresceu em importância política e econômica a ponto de privilegiar o que é vendável e bem aceito pelas classes dirigentes, em detrimento de elementos culturais negros e africanos. Se por um lado, como vimos no capítulo 2, a Pomitafro pode ser vista sob uma perspectiva mais decolonial, no sentido de dar espaço para a negritude enquanto grupo histórico marginalizado, por outro lado ela também reproduz a lógica colonial ao reservar um lugar controlado e “domesticado” para as manifestações afro no contexto da festa e da própria sociedade de Vila Pavão.

3.2 -Capoeira e Intolerância religiosa

A experiência do professor Bruno Raphael dos Santos - que leciona no CEIER e mantém o Grupo Senzala de capoeira que se apresenta na programação da Pomitafro desde 2018 - pode ilustrar como a aceitação de manifestações culturais advindas da herança africana ainda é um tabu a ser superado por boa parte da comunidade local.

Bruno relata a experiência de discriminação sofrida ao organizar seu primeiro batizado de capoeira, um ritual importante que marca a evolução dos praticantes e tem um significado cultural importante, carregado de símbolos da tradição afro-brasileira:

Apesar de ter seis anos de atividade, a gente nunca tinha feito uns efeitos que são característicos da capoeira, um deles é o batizado da capoeira. O batizado da capoeira é um evento onde o capoeirista recebe sua primeira graduação, ele ganha um apelido da sua primeira graduação, onde convidamos mestres e essa coisa toda. A gente nunca tinha conseguido organizar isso aqui no município e no ano passado apareceu essa oportunidade (...) A gente tava com um grupo com quase 30 adolescentes, muita gente frequentando o projeto da capoeira. Ele já estava na praça, já havia mudado, eu já não cobrava mais para treinar a capoeira. Eu tinha o espaço da praça aberto, eu preferi fazer um trabalho

voluntário, então muitas crianças vieram para o projeto. (...) E aí que aqui muitas pessoas são ligadas a religião, tem várias igrejas diferentes, igrejas Luteranas e católica. E acabou que esse povo todo veio para a capoeira, capoeira na praça, gratuita (...) A gente participou da Pomitafro em 2022, foi uma festa muito bacana, e em 2023 a gente já estava se organizando e (...) após seria o evento do batizado, quando a gente colocou o nome de batizado de capoeira, aí não teve como mais contornar essa tensão né? Ela veio de forma muito forte, várias famílias questionaram o nome, teve família que me pediu no meu privado para tirar o nome batizado de capoeira, porque para eles o batizado é um sacramento, essa coisa toda da religião. Aí a gente teve que fazer uma explicação no grupo do significado, do sentido. Algumas pessoas do próprio grupo [afro] se sentiram agredidas, acharam que não tinha necessidade de ficar explicando tudo aquilo, que quem estava na capoeira tinha que entender essa coisa toda. Mas são pessoas que não tem a mesma visão que eu tenho né... essa coisa da capoeira como uma ferramenta pedagógica e você precisa ensinar para todo mundo. As famílias daqui de Vila Pavão, foram educadas em uma perspectiva diferente, eles não têm noção do que é o movimento cultural afro-brasileiro, eles não entendem os princípios, os fundamentos das manifestações da cultura afro. A gente teve que pegar o dicionário e explicar que a palavra batismo está contemplada no Aurélio e significa: mergulhar ou imergir. Fizemos uma formação com as famílias para explicar. Aí algumas famílias aceitaram participar do batismo da capoeira, mas depois algumas ligadas a religião [cristã] deixaram de participar do projeto.²²

Percebi, por exemplo, durante o trabalho de campo em Vila Pavão, que a maioria das pessoas, ao falar de religião, se referia às Igrejas protestantes. Ao indagar mais um pouco, muitas me relataram que a sociedade pavoense mantém as tradições e costumes luteranos de forma mais ortodoxa. Há também a presença forte do catolicismo e quase não ouvi depoimentos sobre o pertencimento às religiões de matriz africanas ou a existência de terreiros na cidade. As pessoas que têm afinidade com essas religiões, precisam ir a outro município, como é o caso de Graciana e do professor Bruno. “Minha formação afro-brasileira foi na vivência de matrizes africanas, mas sempre tive que sair do município para fazer as minhas formações. Por isso somos católicos”, lamenta Graciana. “A única sociedade espírita que temos no município fica a mais ou menos 15 km e é uma comunidade mais isolada socialmente”.²³

²² Entrevista concedida por Bruno Raphael dos Santos, Maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

²³ Entrevista concedida por Graciana Helmer Vitorino, Maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

Expressar afinidade com as religiões de matrizes africanas ainda é visto com bastante desconfiança por grande parte da população brasileira. As tradições afro-brasileiras ainda são vistas como inferiores às demais religiões ou mesmo concebidas como seitas demoníacas. E em Vila Pavão, uma pequena cidade do interior capixaba com forte influência de colonos europeus e seus costumes tradicionais, não é diferente.

Em sua entrevista para a pesquisa, o professor Bruno fez questão de relatar sua percepção sobre a intolerância religiosa, mesmo que velada, vivida no seio na comunidade pavoense:

Em relação ao preconceito/racismo, Vila Pavão é um município muito religioso né? A gente estava comentando aqui, é uma coisa que eu tenho falado muito né, inclusive na escola, comentei com alguns colegas, como isso tem incomodado a gente. Eu e minha família, nós não pertencemos a nenhuma igreja, mas temos uma afinidade muito grande com as religiões de matrizes africanas, mas não somos de pertencimento de nenhuma delas. Mesmo porque aqui na região não tem, pois se tivesse nós frequentaríamos. A gente tem essa proximidade né, a gente gosta da filosofia do candomblé, da umbanda, a gente se liga de alguma forma a essa energia, a gente sente essa necessidade, de acordo com o avanço do tempo, de se expressar livremente sobre isso. E a gente percebe que nos últimos anos está aumentando a tensão, o preconceito em relação a essa afirmação que a gente vem trazendo no nosso dia a dia, de proximidade dos princípios e da filosofia com as religiões de matrizes africanas.²⁴

Observei que os testemunhos orais dos moradores de Vila Pavão encontram-se vinculados à experiência, cheia de totalidades, onde os aspectos individuais e coletivos do passado se articulam através da memória, dando sentido às ações do presente, tal qual afirma Benjamin (1987). Ao conhecer o professor Bruno e seu trabalho, percebi a dificuldade enfrentada por ele e família na busca diária pelo diálogo em todos os locais em que apresenta a capoeira. Creio que a dificuldade maior reside no preconceito social, racial e cultural reinante, advindos da não aceitação da sociedade, diante das crenças tradicionais afro-brasileiras.

Como se vê, o batismo na capoeira causou desconforto para algumas famílias que ali estavam a praticar, talvez na expectativa de que fosse apenas mais uma atividade esportiva. A partir do momento em que é anunciado o “batismo na capoeira”, a tensão

²⁴ Entrevista concedida por Bruno Raphael dos Santos, maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

surge no âmbito religioso. Batizar na capoeira significa negar o sacramento recebido em outras religiões? Percebi como é precioso todo o movimento pedagógico que o professor Bruno fez e faz para “ensinar” aquelas famílias sobre a capoeira e manifestações culturais do povo negro. Apesar da capoeira ter sido reconhecida como patrimônio cultural da humanidade pela Unesco em 2014²⁵, sabemos que o estigma de marginalização permanece na sociedade brasileira.

É sabido que as origens da capoeira têm forte relação com as religiões de origem africana, especialmente com a chamada capoeira angola que exalta características mais ancestrais e antecede a vertente regional²⁶, mais recente e adaptada aos parâmetros de uma atividade física ou desportiva.

A capoeira, como uma das manifestações da cultura afro-brasileira, conta sua história e de seus fazedores tendo a religiosidade como um dos pilares constituintes de seu imaginário social. Instrumentos como o berimbau e o atabaque, além de marcar o ritmo do jogo, possuem estreita relação com aspectos religiosos afro-brasileiros. A música e o canto são elementos simbólicos, narrando causos e lendas de deuses, orixás e encantados, que junto ao catolicismo dominante compõem o sincretismo fundador de uma religiosidade peculiar às manifestações culturais oriundas dos africanos e seus descendentes no Brasil (Columá; Chaves, 2013, p. 171).

Enquanto prática cultural multifacetada, proveniente da herança afro-diaspórica (Mendonça, 2013; Soares, 1998) a capoeira, no entanto, não pode ser considerada um rito religioso em si, mas antes uma “manifestação cultural que se configura como um misto de luta, dança, brincadeira, teatralização, jogo, esporte e expressão corporal” (Silva, 2009, p. 25). Entretanto, ela está inevitavelmente atrelada à religiosidade (Cid, 2017), “pois os elementos religiosos que se amalgamaram ao imaginário da capoeira influenciam seu entendimento” (Costa Silva et al, 2024, p. 82). Sua origem, os cânticos, a ginga, a sonoridade do atabaque e do berimbau, o uso de vestes brancas e outras características podem ser facilmente associadas aos rituais das religiões de matriz africana.

²⁵ Roda de capoeira recebe o título de patrimônio imaterial da humanidade. Disponível em: <https://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/11/roda-de-capoeira-recebe-titulo-de-patrimonio-imaterial-da-humanidade.html>. Acesso em: 10 jun. 2024.

²⁶ Enquanto na capoeira angola o foco são elementos como o jogo, a dança, a mímica, a luta e a ancestralidade, unidos de forma coesa, simples e sintética, a capoeira regional foi uma vertente criada por Manoel dos Reis Machado (1899-1974), o chamado Mestre Bimba, que se caracteriza por movimentos mais ágeis e atléticos que acompanham o som da música. Como educador e lutador, Bimba foi o responsável por tirar a capoeira da marginalidade.

Para além dessas características as chamadas mandingas - consideradas um tipo de jogo/manobra da capoeira cujo objetivo principal era lubridiar o outro jogador por meio da astúcia e da malemolência (Dias, 2009) - também podem ser consideradas sinônimo de feitiço. Bastide afirmava que a palavra advinha dos malinquês, povo oriundo da África Ocidental que eram considerados grandes mágicos e feiticeiros (Bastide, 1996).

Na opinião de Bastide (1996), expressa em sua obra clássica *Religiões Africanas no Brasil*, “é o aspecto místico que domina o social” (p. 45), ou seja, “o social é fruto do místico” e “a organização material reflete a organização espiritual” (p. 111).

O fato é que a influência religiosa na capoeira, que na prática se mantém no âmbito da cultura/folclore, é vista com olhos negativos ou desconfiados por boa parte dos adeptos das religiões evangélicas e cristãs em geral. A prova disso é que, à semelhança do “bolinho de Jesus” (Évora, 2015) – surgido por meio do processo de apropriação cultural do acarajé, uma comida de terreiro que ganhou as ruas – muitas rodas de capoeira têm sofrido um processo higienização/domesticação que visa retirar certos elementos africanos da prática e renomeá-la como “capoeira gospel”.²⁷

Ora, se considerarmos que boa parte das artes marciais como kung fu, karatê, ou mesmo a yoga, são manifestações com forte influência da espiritualidade oriental por que será que elas não são repelidas por grande parte da comunidade cristã? A resposta está no preconceito racial e na intolerância em relação a tudo que advém da cultura negra e africana. Isso significa dizer, em última instância, que qualquer tradição africana é vista por muitos líderes e praticantes de religiões protestantes como perigosa ou amaldiçoada, como afirmou o pastor e deputado federal Marco Feliciano (PSC-SP) no seu perfil da rede Twitter (atual X) em 2011.

Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato. O motivo da maldição é polêmico. Não sejam irresponsáveis twitters rsss (...). Sobre o continente africano repousa a maldição do paganismo, ocultismo, misérias, doenças oriundas de lá: ebola, aids. Fome... etc. Não tem nada de comentário racista. É um comentário teológico que está na Bíblia.²⁸

²⁷“Capoeira gospel” e falta de apoio público impõem riscos à roda de capoeira, aponta Iphan. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2022/03/capoeira-gospel-e-falta-de-apoio-publico-impoe-riscos-a-roda-de-capoeira-aponta-iphan/>. Acesso em: 10 jul. 2024

²⁸ MACHADO, Leandro. A origem do mito bíblico que foi utilizado para 'justificar' racismo. BBC, 18 out. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63209322>. Acesso em: 10 jun. 2024.

A fala de Feliciano vem sendo repetida e ressignificada pelo mesmo e por diversas personalidades do meio evangélico como é o caso da influenciadora digital Michele Dias Abreu que associou a recente tragédia climática do Rio Grande do Sul, ocorrida em maio de 2024, com o fato do estado ter muitos terreiros.

O estado do Rio Grande do Sul é o estado com maior número de terreiros de macumba. Alguns profetas já estavam anunciando algo que iria acontecer devido a ira de Deus. As pessoas estão brincando (...) misturando aquilo que é santo e Deus não divide sua honra com ninguém.²⁹

O desconforto narrado pelo professor Bruno é um tipo de intolerância muito comum no Brasil. Esse tipo de comportamento viola não apenas o direito fundamental à liberdade de religião ou crença, como também desrespeita a dignidade humana e compromete a convivência harmoniosa entre diferentes grupos religiosos, étnicos e sociais. A intolerância religiosa pode ser influenciada por diversos fatores, como preconceitos enraizados, estereótipos, falta de conhecimento sobre outras religiões e até mesmo tensões políticas ou sociais.

O preconceito se torna ainda mais grave se pensarmos que as religiões de matriz africana não praticam o proselitismo e têm a tolerância como princípio básico. O etnólogo e fotógrafo francês Pierre Verger, um dos maiores estudiosos das religiões afro-brasileiras, explicita bem essas características:

Uma das características da religião dos Orixás é seu espírito de tolerância e a ausência de todo proselitismo. Isso é compreensível e justificado pelo caráter restrito de cada um desses cultos aos membros de certas famílias. Como e por que as pessoas poderiam exigir que um estrangeiro participasse do culto, não tendo nenhuma ligação com os ancestrais em questão? (Verger, 1981, p. 6)

Nessa mesma direção, observa-se que os testemunhos orais do professor Erivelton Pessin, confluem com a narrativa do professor Bruno, com a especificidade de ressaltar que a comunidade negra de Vila Pavão vive em um estado de tensão, uma vez que não há

²⁹ Influenciadora que associou tragédia climática no Rio Grande do Sul a religiões de matriz africana é denunciada pelo MP. G1 Minas, 18 mai. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/05/18/influenciadora-tragedia-rio-grande-do-sul-religoes-matriz-africana-denunciada-pelo-mp.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2024.

terreiros de matriz africana na cidade e muitas vezes seus membros não se sentem acolhidos nas demais denominações cristãs ou são minoria, tendo que esconder suas reais crenças em nome da boa convivência social.

Se a gente for olhar como surgiu o grupo pomerano, foi dentro da igreja luterana nos ensaios. Nós temos pessoas de religião de matriz africana, mas que tem que ir em outro município, pois no município de Vila Pavão não tem nenhum terreiro, não tem Centro da Umbanda, Candomblé ou qualquer religião que seja de matriz Africana. Então a gente observa principalmente que parte das pessoas afro-brasileiras elas são evangélicas aqui no município e a igreja luterana é de predominância dos pomeranos. Se você perguntar, com as pessoas mais experientes de vida, mais velhas, elas vão falar que antigamente, raramente se via pessoas negras na Confissão Luterana do Brasil, Igrejona (...) e tem também a Luterana Missouri, a Igreja Católica, Paróquia de São Pedro. Assim, se a gente for olhar a história né, seria dos italianos. Desse modo, o grupo étnico afro de Vila Pavão não possui o elo da religião para se fortalecer e manifestar sua fé. Essa tensão religiosa pode dividir a comunidade e criar tensões entre diferentes grupos religiosos. Isso prejudica as relações interpessoais, dificulta a cooperação entre as pessoas e pode levar ao isolamento e à segregação. Quando pessoas são alvo de intolerância religiosa, sua liberdade de praticar sua fé de maneira segura e aberta é comprometida. Isso pode forçar indivíduos a esconder suas crenças, praticar em segredo ou até mesmo renunciar a sua fé por medo das repercussões (...) eu tenho um filho de 13 anos que é criança, é que é corajoso para caramba e já quer falar que é de religião de matriz africana, quer vestir camisa, essa coisa toda e também passa por esse tipo de situação...e a gente tentando não ir para o campo do enfrentamento.³⁰

Tais situações de apreensão religiosa podem levar à perda de uma rica diversidade cultural e espiritual que caracteriza muitas sociedades. Quando as vozes e práticas de grupos religiosos minoritários são silenciadas, a sociedade perde a oportunidade de aprender e se beneficiar de diferentes perspectivas. E sendo o Brasil um país marcado pela diversidade religiosa, isso se torna ainda mais importante para a conscientização dessa comunidade sobre a importância da tolerância e do respeito à diversidade, para que essa integração das três etnias realmente aconteça no dia a dia da sociedade pavoense.

3.3 - Preconceito culinário

³⁰ Entrevista concedida por Herivelto Pessin, Agosto de 2022. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

Outro aspecto que retrata os desafios do grupo afro na Festa Pomitafro é a organização e administração da barraca tradicional que comercializa pratos típicos. Cada grupo fica responsável em montar as barracas de sua etnia, e precisa criar um cardápio típico de pratos a serem comercializados durante os três dias de festa. O valor arrecadado pela barraca é destinado a manutenção das atividades culturais de cada grupo.

A dificuldade do grupo afro pavoense com a gestão da barraca e dos produtos oferecidos aparece na fala do professor Bruno que revela a escolha seletiva do público pela culinária de origem europeia:

Hoje a barraca é do grupo afro, eu também sou do grupo, só que o grupo faz a opção de terceirizar, ele passa essa barraca para um comerciante e esse comerciante faz as comidas e passa um percentual para o grupo afro e depois o grupo administra esse recurso. Tem uma dificuldade em relação às comidas típicas afro-brasileiras... com certeza, isso é notório, isso é visível, notório, as pessoas preferirem outros pratos, outras coisas.... mas eu acho que isso está relacionado a outros fatores, o preconceito, ninguém precisa mentir sobre isso, é fato, o preconceito culinário existe. E em todo lugar ou município tem aqueles grupos que, em alguns lugares, são de maior evidência. Aqui também é assim, e esses grupos de maior evidência, são grupos de pessoas brancas (pomeranas e italianas). Então esses grupos vão frequentar as suas barracas, então quando você chega na festa, é perceptível que tem mais movimento nas barracas deles e um movimento menor na barraca afro. Isso tem a ver com organização de grupo, tem a ver com poder aquisitivo, o grupo afro de Vila Pavão não tem um bom poder econômico, talvez se fosse ao contrário, a barraca afro tivesse mais movimentos.³¹

Essa simples questão tem por trás o histórico da desigualdade racial no Brasil que resulta em exclusão social, limitação de oportunidades e perpetuação do racismo, prejudicando a coesão e a justiça social. A dificuldade do grupo afro é tão latente para organizar a barraca que decidiram terceirizar o trabalho e ficar apenas com uma porcentagem sobre o lucro. Tal posicionamento prejudica a afirmação da identidade afro a partir de uma expressão cultural tão importante que é a culinária afro-brasileira.

Tem sim o preconceito culinário e tem a diferença de consumo nas barracas. Se você chegar na Pomitafro você vai ver que a barraca fica

³¹ Entrevista concedida por Bruno Raphael dos Santos, Maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

um pouco de lado sim, só que eu também acredito que isso existe, e vamos ter que saber lidar com isso. A gente vai fazer a festa e vamos ter que lidar com isso, esse é o princípio que carrego no meu trabalho, eu sei que na esquina cultural vai ter um preconceito com a esquina afro-brasileira. Então o que é que eu faço? Eu procuro melhorar a qualidade da esquina, fazer uma coisa diferente, ter uma ornamentação chamativa, procuro colocar algo que vai superar isso, que quando a pessoa chegar ali, ela vai encontrar algo que ela não imaginava e aí ela vai querer voltar naquele espaço do ano anterior. Eu acredito que na barraca afro tem que ter mais isso, sabe? A gente precisa avançar mais, eu não sei se essa parte da terceirização deixa a gente vulnerável, não é o grupo afro que está fazendo, ele terceiriza. Então a pessoa que está ali está interessada em ganhar o dinheiro dela, ela não está vivendo a tensão cultural que a gente está vivendo, então talvez se a gente do grupo assumisse, se a gente fizesse esse trabalho desse mais certo.³²

Percebi, durante as entrevistas, que a questão do preconceito desagrega a própria comunidade negra da Pomitafro também de dentro para fora. Ao se sentirem sem estímulo para produzir e oferecer pratos típicos da culinária afro-brasileira - que poderiam ser o angu (muito semelhante à polenta), o munguzá de milho branco ou mesmo a boa e velha feijoada - os integrantes do grupo acabam por se render a uma solução mais viável economicamente, mas que não traz o devido valor cultural para a comunidade.

Apesar disso, a fala de Bruno é consciente e otimista: “vamos ter que lidar com isso”, admite, ao focar na realização e na importância de manter e melhorar o trabalho desenvolvido, apesar dos desafios. Quando ele diz que inova nas esquinas culturais para que as pessoas gostem ou voltem para ver as apresentações ele está dizendo: eu (re)existio e me mantenho firme com o meu propósito e amor à cultura afro-brasileira. Sua fala carrega a consciência de que as barracas tradicionais de pratos típicos têm um lugar simbólico do alimento para cada etnia e que o prato ancestral ocupa uma posição estratégica de cada sociedade. É um movimento de luta e (re)existência e conta a história de cada povo.

3.4 - A dificuldade de organização interna do grupo afro e as relações interétnicas

Outro desafio enfrentado pelo grupo afro de Vila Pavão é a falta de uma organização interna, certamente contextualizada por todas as demais questões enfrentadas

³² Idem.

pela comunidade negra local que padece por enfrentar o preconceito e não ter os mesmos acessos, oportunidades e a mesma disponibilidade financeira que afetam também a consciência coletiva do grupo como um todo. O professor Bruno fala explicitamente da real necessidade de fortalecer uma liderança que busque a organização desse grupo respeitando suas limitações. Segundo ele, esse é um caminho a ser construído, mas é totalmente possível. A terceirização da barraca é um dos fatores apontados por ele que é fruto dessa fragmentação

O grupo afro aqui em Vila Pavão é um desafio, a organização do grupo, na verdade hoje a gente funciona como grupo, mas a gente não tem uma organização de grupo. É difícil até de explicar, nós não somos uma **associação**, não temos um estatuto, existe um movimento afro da Pomitafro, o que dificulta o grupo assumir é a logística. Para assumir a barraca precisa se dispor a ficar lá os dias todos, tem um investimento a fazer, tem toda essa parte que se o grupo estivesse organizado para fazer seria mais simples. É necessária uma organização gigantesca para fazer esse trabalho e ainda corre o risco do lucro.³³

Graciana também alerta para essa questão, fazendo uma ressalva sobre os diversos boicotes sofridos pela comunidade negra que acabam por desarticular a unidade dos membros que participam da organização da Pomitafro. A própria realidade das pessoas do grupo que possuem um poder aquisitivo mais limitado, impedem que elas entendam que é preciso investir tempo e dinheiro para poder obter o resultado desejado

Porque todas as vezes que a gente vai brigar pela associação tem algum impedimento, algum entrave financeiro, isso gera um custo muito alto e o próprio negro ele não valoriza isso. O que eu escuto é : poxa, vou ter que gastar para manter a festa ? Sim, gente! Você gasta com tantas outras coisas, porque não pode gastar com a cultura? Esse ainda é um entrave da própria cultura negra: ‘poxa eu ainda recebo tão pouco, vou ter que ainda gastar com a cultura?’. Com certeza isso acontece, e muito, aqui. Temos ainda algumas brigas com as demais etnias também. Às vezes eu até penso assim, ‘nossa eles não querem que a gente vai pra frente, por que é eles que estão lá na administração?’, então é um impasse.³⁴

³³ Idem.

³⁴ Entrevista concedida por Graciana Helmer Vitorino, Maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

Nas falas de Bruno e Graciana vemos uma consciência dos problemas internos e externos que afetam o grupo e, ao mesmo tempo, uma dificuldade de articular soluções mais abrangentes que impeçam sua fragmentação. Bruno ressalta as providências tomadas pelo grupo da capoeira e elogia o trabalho específico de cada núcleo, mas entende que é preciso um maior gerenciamento e planejamento conjunto envolvendo os diferentes grupos que lideram as atividades cotidianas e aquelas realizadas durante a festa, como é o caso da barraca, para que o resultado possa ser mais efetivo.

O que é da nossa parte para a Pomitafro, fica bem-organizado, graças a Deus que é a esquina cultural. O que é da nossa função, que a gente faz uma divisão no grupo, o afro é dividido, inclusive eu costumo dizer que a coordenação do grupo afro ela é: Capoeira (Bruno), Alex (liderança do grupo Zacimba) Quéssia (que coordena o grupo de danças da fila de todos os Santos e Dança afro-brasileira Ayô Alma Ancestral). São os grupos que fazem o movimento do grupo afro maior, então cada liderança dessa na minha concepção, forma o núcleo de liderança do grupo afro, entende? Pelo menos dessa parte do desenvolvimento cultural é assim que funciona. Agora para fazer a Pomitafro precisa estar mais centralizado a questão da gerência, a barraca depende disso. Isso não acontece ao longo do ano. Você vê, nós estamos em maio, daqui a 4 meses acontece a Pomitafro e nós não temos essa estrutura de grupo para já estar se organizando. Os núcleos separados estão funcionando muito bem, o trabalho do Alex está muito bem, o trabalho da capoeira está tranquilo e também o trabalho da Quéssia. E quando chegar a Pomitafro a gente vai se juntar para fazer a festa. É por essas questões que a gente não avança, ainda não conseguimos superar essa organização. E provavelmente o grupo afro é o maior grupo do município. Se juntar todos os grupos, nós somos um grupo muito grande em termos de participação. Só que é fragmentado, entende?. Aí a gente não consegue expressar a nossa força. Ainda, por conta disso, os outros grupos (pomeranos e italianos), eles têm isso bem mais desenvolvido, tem isso muito bem organizado e vão com oito ou nove pessoas e causam um impacto muito maior que nós que vamos com 40 pessoas.³⁵

É preciso lembrar que a ideia de Brasil como nação contemporânea, nascido na Era Vargas, foi fortemente influenciada pelo mito da democracia racial e o discurso da mestiçagem exaltado por Gilberto Freyre (1951). A difusão de tal narrativa tentou minimizar/invisibilizar as tensões raciais entre os grupos étnicos formadores da sociedade nacional e dificultou a construção de uma identidade negra fortalecida em suas especificidades e características próprias. A identidade negra que foi historicamente

³⁵ Entrevista concedida por Bruno Raphael dos Santos, maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

pulverizada pelo discurso da mestiçagem ainda hoje sofre impactos na autoestima e na coesão da comunidade afrodescendente. Como afirma Roberto DaMatta,

É impressionante também observar a profundidade histórica desta fábula das três raças. Que os três elementos sociais - branco, negro e indígena - tenham sido importantes entre nós é óbvio, constituindo-se sua afirmativa ou descoberta quase que numa banalidade empírica. É claro que foram! Mas há uma distância significativa entre a presença empírica dos elementos e seu uso como recursos ideológicos na construção (DaMatta, 1987, p. 62-63).

3.5 - Integração para quem?

Bruno ressalta a inegável importância da festa para toda a comunidade pavoense, mas a classifica como um espaço de afirmação e não de “integração” cultural em relação à comunidade negra, uma vez que a aproximação e as atividades conjuntas entre os representantes das diversas etnias ainda é rara.

Eu entendo que a Pomitafro é um espaço de afirmação cultural e não necessariamente um espaço de integração cultural, não consigo perceber que o povo daqui conseguiu resolver sabe? Acho que no início eles queriam que fosse assim, mas o que aconteceu é que a festa se transformou em um espaço de afirmação da cultura existente no município e é isso. Porque os grupos, eles não se integram. Aqui existe o apoio da cultura e isso é muito bom, o município de Vila Pavão apoia muito a cultura, eu sabia disso, e hoje nós estamos nesse momento de apoio e visibilidade municipal da cultura. Não é o apoio que a gente entende que merece, mas é um apoio muito melhor do que tínhamos no início. Mas na verdade a integração cultural, ela ainda é um desafio, de maneira geral, tanto para a festa, quanto para o dia a dia no município.

36

Percebe-se, portanto, que a palavra integração está presente nas narrativas orais dos representantes da comunidade negra pavoense, quando narram o passado de Vila Pavão, os primórdios da Pomitafro e reproduzem os discursos e narrativas oficiais construídas sobre a festa. Porém, nos dias atuais parecem reconhecer que a tão falada “integração” parece entorpecida pelos rumos que a festa tomou ao ser administrada segundo os interesses da prefeitura, sem um diálogo mais aberto e colaborativo.

³⁶ Idem.

Nesse aspecto, Graciana pensa um pouco diferente de Bruno ao afirmar que hoje há mais espaços de convivência e que houve um grande avanço, em termos de “integração” entre as etnias, especialmente nas gerações mais jovens.

Dos seus 20 anos até os seus 40 anos, a gente vê uma integração muito melhor das etnias, o nosso grupo de capoeira é um exemplo claro disso, são todos jovens, ali não existe branco, não existe preto, todos são amigos e interação muito bem. Mas a gente tem sempre que lembrar que aquilo ali é coisa de preto, é coisa brasileira de preto, a gente não perde a chance não.³⁷

Destaco aqui o testemunho empolgado de Graciana ao ser convidada para fazer parte da pesquisa e contribuir com seu depoimento. Me parece que sua reação foi um voto de esperança de que a participação do grupo afro na festa possa ter um significado de chamamento para a comunidade negra pavoense como um todo.

Então, Cida, chegou com o convite para a entrevista, de falar sobre Pomitafro, eu falei com o Bruno: ‘Bruno a gente tem que participar, vamos dar um jeito, vamos nos organizar, é alguém que vai falar sobre nós, a gente achou quem vai escrever sobre nós, porque nós temos historiadores no nosso movimento que não escrevem sobre a nós, que não pesquisam sobre a gente. Eu sou Assistente Social, eu não sei fazer uma pesquisa ampla sobre cultura, então a gente precisa que esses formadores de opinião saiam do silêncio, escrevam, publiquem e divulguem, que isso não vai ser bom só para ele, isso vai ser bom para o movimento negro também’.³⁸

Ao revelar o desejo de narrar sua experiência na Pomitafro e pontuar suas perspectivas pessoais e coletivas, Graciana se coloca como personagem de uma história em processo, onde recorre às relações entre passado-presente, e onde tempo histórico é construído dentro da experiência social do grupo, sem obedecer aos parâmetros de uma continuidade histórica dominante, mas a partir da reconstrução da memória que é descontínua e busca narrar aquilo que a toca e envolve.

Ao analisar Benjamin, Nunes (2005) afirma que

é na trilha da descontinuidade temporal que o historiador crítico reconstrói aquilo que não está na história e historiografia dos grupos

³⁷ Entrevista concedida por Graciana Helmer Vitorino, maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

³⁸ Idem.

opressores, pois os documentos de cultura existentes expressam a barbárie, a história dos vencedores e, por isso, impedem a visibilidade da opressão e de tudo aquilo que se encontra fora dos documentos. Faz-se necessário, então, ‘escovar a história a contra-pelo’. (Nunes, 2005, p.36)

Nunes (2005) nos lembra que a memória é uma atividade do pensamento que “faz do lembrado algo sem limite” e tem a força de “reabrir o passado no aqui agora” (p.35). Dessa forma, Graciana, Bruno, Pessin e os demais entrevistados, quando retomam a história da Pomitafro e suas experiências vividas na festa, o fazem como uma rememoração de um passado carregado de ‘agoras’ e por que não dizer, de futuros, porque o passado segue inscrito no presente (racismo, preconceitos, desigualdades) e é no tempo presente que esse passado é interpelado, questionado, tempo de luta. Da tensão que se vive, provocada pelas questões que esses tempos contêm, é que emerge o futuro.

Ao final das narrativas muitos trouxeram suas expectativas sobre o futuro da festa e o desejo de que o ideal inicial de “integração” e reconhecimento da comunidade negra no seio da sociedade pavoense não se perdesse.

3.6 – *Visão do futuro*

Apesar dos percalços relatados, no entendimento dos entrevistados, no entanto, a Pomitafro tem muito a ser celebrada como um espaço inédito de representatividade e afirmação da identidade negra para a grande maioria da comunidade afrodescendente de Vila Pavão, antes silenciada. “O que sinto é que a Pomitafro é um lugar onde eu posso dizer que sou preto”, afirmou categoricamente o professor Bruno.

A afirmação da identidade negra enquanto ato político é uma ressignificação do próprio existir no sentido de tornar o invisível, visível. “Desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer”, afirmou Fanon (2008, p. 108) em sua crítica aos efeitos perversos do colonialismo sobre os corpos e as identidades negras.

O que se percebe nas narrativas, tanto de Bruno, como de Graciana, é um sentimento ambíguo que reconhece as dificuldades ou mesmo nega a capacidade de

“integração” da festa mas, ao mesmo tempo, usa o termo de forma positiva, exaltando que houve avanços significativos no reconhecimento da identidade afro-brasileira em Vila Pavão e manifestando o desejo que essa “integração” se viabilize. Graciana destaca sua fé nas futuras gerações para encampar esse processo:

Quando olho para o futuro hoje, vejo sim muitas possibilidades de crescimento (...) de integração das três etnias entre a juventude, ela está muito respeitosa, temos que amadurecer em comunidade o adulto e a criança, pois o adulto reflete na criança o racismo e o preconceito. A nossa juventude é o futuro, é ela que irá fazer a integração e a união, espero que possamos realmente fazer isso acontecer. Descobrir aquilo que está construído é muito mais trabalhoso do que construir, o trabalho com as crianças é fundamental para que possamos ter um novo modelo de sociedade, antirracista, não homofóbica... que seja mais igualitária e fraterna, esse é o meu desejo.³⁹

Também Bruno vê na prática da capoeira um grande potencial de transformação, a partir de sua própria experiência como educador, e reconhece o acolhimento e apoio do CIEER, escola berço da Pomitafró. Ele percebeu que era necessário valorizar a capoeira, enquanto prática educacional, tirando-a do lugar de subalternidade que muitas vezes é conferido às tradições de matriz africana.

Na escola a capoeira é feita por um professor da escola, então você já observou que eu falo, me posiciono, sou um educador progressista, freriano, enfim, por eu ter um posicionamento firme, o trabalho da capoeira ficou marcado por esse meu jeito de ser. (...) a gente nunca teve problemas com a direção da escola e isso é até engraçado por que é o seguinte: vários amigos meus dizem que estão parando de dar aula de capoeira nas escolas, por que a escola tem muito controle do trabalho, não pode falar de orixás, não pode falar não... E eu nunca tive esse problema, no CIEER eu sempre tive abertura máxima para fazer o trabalho da capoeira. Mas percebi que de uns anos para cá, até por causa do meu posicionamento de tendência para as religiões de matrizes africanas, (...) uma intolerância sutil, (...) mas na escola, o projeto recebe todo apoio, sou muito grato ao CIEER, (...) por que se não fosse o CIEER, provavelmente o projeto da capoeira não tinha acontecido da forma que foi. No início, o CIEER me forneceu instrumentos, eles compravam o material que eu queria, me doaram 30 pares de uniforme para o projeto, até hoje a gente usa

³⁹ Entrevista concedida por Graciana Helmer Vitorino, maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

esse material, tem 5 anos esse material, tudo começou pelo CIEER. Só que não é fácil, como a comunidade é muito conservadora, isso existe também na escola, só que lá na escola os alunos tem um gosto pela capoeira, o grupo é gigante. E uma coisa curiosa que aconteceu: quando começamos a fazer o projeto, as pessoas tinham uma visão de que os meninos que eram mais difíceis [*em termos comportamentais*] deviam vir para a capoeira, a capoeira ia reformar, transformar aqueles meninos (...). No início, a capoeira ficou muito marcada por ser praticada pelo grupo de estudantes problemático (...). Estava na capoeira os meninos e meninas problemáticos e com isso o projeto da capoeira não conseguia avançar. (...) Foi aí que pensei: vamos ter que dar uma mudada, vamos ter que inverter esse critério para fazer a capoeira, vamos ter que criar a lógica de merecimento. Eu sei que é ruim essa lógica da meritocracia, mas era preciso a capoeira ter esse tipo de valor, tem que ter algo de merecimento, né.. Então, começamos a mudar, para estar na capoeira a nota tinha que estar boa, não podia estar tendo muito problema de ocorrência de bulling, racismo, preconceito. Fomos criando esses critérios, para que os meninos tenham postura também de capoeirista, não é só você ter habilidade corporal, fazer parte do grupo capoeirista significa você fazer parte de um movimento por uma sociedade menos racista né...? (...) o comportamento mudou, as notas mudaram, começaram a tratar melhor os professores, começam a ficar mais preocupados com a organização da sala deles, isso tudo somou muito ponto para a capoeira. Por mais que existam as pessoas dentro da escola que tem preconceito com a capoeira, elas não conseguem atacar o projeto da capoeira, porque o projeto está consolidado, os fundamentos da capoeira estão preservados e os jovens estão melhorando, estão desenvolvendo (...) o projeto está bem estruturado e é a mesma coisa no município. Existe o preconceito no município, existe o problema, só que as crianças estão pedindo para ir para a capoeira e aí os pais não tem o que fazer, por que o trabalho é bem feito.⁴⁰

No trecho acima Bruno destaca a importância da difusão de uma prática cultural de origem afrodescendente que, ao tentar se firmar e estabelecer na comunidade pavoense, desvencilhando-se dos estigmas e preconceito racial, acaba por assumir um papel pedagógico e educativo na vida da juventude da cidade. Por meio dessa prática, ele conta de modo indireto a história do povo negro, é uma referência à memória e à história

⁴⁰ Entrevista concedida por Bruno Raphael dos Santos, maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

dos escravizados no Brasil. De modo similar, quando se organiza um grupo de dança italiana ou pomerana nessa escola, busca-se ressignificar práticas culturais referentes às ancestralidades daquele grupo. Tais atividades estimulam, por meio de atividades artísticas, a criação de sociabilidades que podem gerar coesão entre os participantes e assim a consolidação dos objetivos do grupo.

Breitner Tavares, ao relatar sua experiência de pesquisa com um grupo de rap, constituído por jovens negros, organizado inicialmente também dentro de uma escola de periferia do Distrito Federal, e que posteriormente sai da escola, mas segue com sua arte trabalhando na dimensão do social na comunidade, afirma:

O grupo se afirma como uma entidade comunitária voltada para promover uma ação social em seu setor de moradia. Para isso, seus membros se utilizam de talentos individuais. De fato, ocorre aqui a tentativa do grupo em se engajar num trabalho social que tenta atingir uma frente relacionada ao direito à cidade pelo viés do lazer, do esporte e do entretenimento, que é definido como "colocar no caminho certo". Essa postura reflete a própria história do grupo, que surgiu de um projeto assistencial há dez anos. Bantu intervém e exemplifica o tipo de trabalho que o grupo realiza através de oficinas de lazer, como de capoeira, street dance, rap e futebol. Isso deixa as crianças, adolescentes e até mesmo adultos "mais à vontade" na periferia onde moram, pois isso torna a comunidade mais "segura" para se viver. Estar "mais seguro" aqui implica um sentido mais amplo do que o polícialesco. Esse tipo de medida teria a capacidade de resolver tensões sociais em torno da violência gerada pelo ócio materializado pela "falta de lazer". Portanto, a Educação pautada em vínculos solidários é difundida por atores sociais que compartilham do mesmo espaço de sociabilidade (Tavares, 2009, p. 125).

Observamos que essa experiência acima, surgida também a partir de um projeto educacional, que reconhece e valoriza uma prática cultural de um grupo afro-brasileiro, dialoga com as ideias iniciais da Pomitafro. É ponto pacífico entre os estudiosos que a educação pode ser uma ferramenta fundamental no processo de uma cultura antirracista, desde que se proponha a incorporar ao seu processo pedagógico saberes e conhecimentos de grupos culturais alvos de racismo, apresentando e defendendo também uma política educacional antirracista.

Na narrativa da Graciana, mulher negra de família camponesa, que teve acesso à educação formal e se tornou assistente social do município, vemos expresso o seu desejo

de transformação da comunidade. Ela vê o espaço educacional como privilegiado para se combater o racismo, ainda presente no ambiente escolar. Graciana conta com orgulho que ela e os seus irmãos são todos graduados e que a mãe, que os incentivou e apoiou, mesmo sendo uma mulher iletrada.

Uma coisa que trouxe da minha mãe para a vida tá, mulher preta e analfabeta, lavradora, batalhadora que só trabalhou nessa vida e nunca conseguiu sair da roça. O trabalho dela sempre era roça e ainda quem recebia o dinheiro dela era meu pai, sempre o homem, ela trabalhava junto com ele, mas quem era reconhecido era o homem (...) Então a única coisa que ela sempre disse para nós era: ‘você vai estudar, eu não pude estudar, enquanto eu conseguir, vocês não vão sair da escola, por que a cultura do meu pai era eu não estudei e você também não precisa estudar (...) ela incentivou a gente aos estudos e hoje eu reflito isso no meu filho. Meu filho não gosta de estudar, aí, eu falo com ele, filho a única coisa que ninguém tira de você é o seu conhecimento e quando você é uma criança que conhece seus direitos, ninguém vai pisar em você. Quando ele sofreu o racismo na escola, ele demorou mais dois meses para me contar. As crianças estavam isolando ele, por que ele era o único pretinho da sala, o único marrom, é a palavra que usavam com ele...você é marrom, eu não brinco com você. Isso afetou muito meu filho (...) ele absorveu aquilo, aí teve problemas psicológicos, não queria ir para a escola, foi uma dificuldade para gente saber o que ele estava acontecendo e quando eu soube o que estava acontecendo, eu sentei com ele e a primeira coisa que falei foi sobre políticas públicas. ‘Meu filho você não é menor que ninguém, diferente de ninguém, pelo contrário, você não é marrom, você é um menino negro e toda vez que alguém falar assim: ah, o moreninho, você vai dizer: não! eu sou negro! Você tem que se orgulhar disso, racismo hoje é crime. (...) toda vez que acontecer alguma coisa com você, você vai contar para o diretor, para a mamãe (...) o silêncio não vai fazer parte da sua vida. E a partir dessa conversa, meu filho conta tudo e mais um pouco do que acontece na escola.⁴¹

Historicamente negado à população negra, o acesso amplo à educação está sendo gradualmente conquistado por meio de lutas e ações afirmativas que buscam, dentre outras estratégias, a valorização da cultura e história africana e afro-brasileira. Mesmo assim, o racismo está dentro da escola, conforme narrativa acima, num processo de

⁴¹ Entrevista concedida por Graciana Helmer Vitorino, maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

interação social entre crianças, em cujo contexto social maior se faz a defesa coletiva de uma convivência plurirracial, sendo a Pomitafro sua expressão maior.

Séculos se passaram, leis foram criadas, e o assunto ainda tem necessidade de ser rediscutido. É um paradoxo se pensar que em um país onde sua população é multiétnica, composta por descendentes de vários povos e de culturas diferentes, a educação se manteve destinada a uma única cor, excluía as demais culturas que não estivessem de acordo com o padrão branco/europeu. Em dias atuais o grande desafio da escola e da formação do educador na desconstrução do racismo, preconceito e discriminação perpassa pela aquisição de práticas educacionais que possibilitem um conhecimento com fundamentações teóricas capazes de proporcionar ao educador uma percepção do meio e dos sistemas sociais, políticos e econômicos.

Nessa direção é necessário ter o olhar para o preconceito racial e cultural um problema que fomenta a exclusão social, ocasionando divergências no âmbito educacional, o que torna importante que os profissionais da Educação discutam a Lei nº 10.639/ 2003, para desta forma analisar a questão das relações étnicas em sala de aula e até mesmo fora da sala.

Segundo o sociólogo Jorge Kuster Jacob, um dos fundadores da Pomitafro:

É responsabilidade das Secretarias Municipais de Cultura e Turismo promover, nas escolas, nos grupos folclóricos e nas comunidades, ações que fomentem um debate permanente, onde a cultura possa contribuir profundamente para o desenvolvimento cultural e econômico da comunidade, do grupo folclórico, do município, do estado e do país. Esse desenvolvimento deve ser local e sustentável.⁴²

Apesar de considerarmos que o Brasil vive uma diversidade cultural, é notório que a escola ainda não se sente preparada para lidar com certas situações de racismo. Sabemos que muitos professores não têm a oportunidade de fazer um curso de qualificação voltado para relação étnico-racial, por esse motivo os mesmos deixam a desejar quando se trata da temática em questão, e muitas vezes, por falta de preparo ou

⁴² 36 anos de raízes e resistencia celebrando a identidade pomerana em Vila Pavão. Disponível em: <https://vilanoticias.com/36-anos-de-raizes-e-resistencia-celebrando-a-identidade-pomerana-em-vila-pavao/>. Acesso em: 10 mai. 2024.

por preconceitos internalizados, alguns professores não sabem ou não querem reagir a situações flagrantes de discriminação racial na escola.

As ações realizadas por Bruno buscam criar espaços pedagógicos para se discutir a diversidade e conscientizar alunos sobre sua importância, onde o objetivo de todos é dar sua contribuição e ajudar nesse processo transformador tão necessário e urgente. Há uma esperança futura que se faz com as lutas no presente, dentro de um mesmo processo, que é tecido por sentimento, necessidade, ação, conflito e paixão. Assim interpreta o professor Bruno ao citar a letra da música Negro Drama, do grupo Racionais MC's: *“Seu filho me imita. No meio de vocês ele é o mais esperto ginga e fala gíria: gíria, não, dialeto. Seu filho quer ser preto, que ironia”*.

Os meninos se identificam com a cultura afro-brasileira, o jeito de ser capoeirista, acham legal, a gente treina, a gente tira a camisa no final e fica tocando tambor na praça, isso é um jeito de ser que vai atraindo os jovens (...) Quando olho para trás, eu vejo que não tinha capoeira aqui, não existia esse movimento, eu andava 30 km com meu filho no colo para praticar capoeira, como eu sempre gostei, eu ia buscar onde tinha. Hoje nós temos um movimento consolidado de capoeira em Vila Pavão e agora nós vamos apresentar na feira dos Municípios lá na serra, nós vamos levar a capoeira como **manifestação cultural** de Vila Pavão, essa talvez seja a nossa maior conquista. (...) gostaria de compartilhar um desejo pessoal, eu não sei em quanto tempo vou conseguir fazer isso, mas eu quero construir em Vila Pavão uma casa de cultura afro-brasileira, com uma biblioteca, espaço de lazer e espaço para a capoeira e o grupo de percussão. Também quero ajudar a formar um grupo de jovens negros, juventude negra pavoense.⁴³

É importante lembrar que em 2007 foi sancionado o Decreto nº 6040/2007 que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). O texto define as comunidades tradicionais como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Nesse sentido, o crescimento da participação da comunidade negra no contexto Pomitafro pode ser visto como um processo de autorreconhecimento sócio-político do espaço da negritude dentro da sociedade capixaba e brasileira. Vale destacar que as

comunidades negras que se reconhecem como quilombolas integram os grupos étnico-raciais que passaram a ser considerados povos e comunidades tradicionais (PCT).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criada como uma iniciativa educacional na tentativa de “integrar” as três principais etnias formadoras da população do município, a Pomitafro se tornou um espaço de construção e reconstrução das identidades locais que, a cada ano, precisam forjar novas representações identitárias e apresentá-las ao público durante as festividades.

Ao nascer no ambiente escolar com o propósito assumido de seus criadores de minorar preconceitos e fomentar a cultura local, a festa possuía, e ainda possui, um potencial pedagógico de fomentar a representatividade de grupos silenciados ou apartados entre si, especialmente a comunidade negra, historicamente excluídas dos espaços de reconhecimento e exaltação cultural. O fato de ter nascido junto com o movimento de emancipação da cidade, seus propósitos ganharam mais força. Era preciso forjar uma nova identidade para o município nascente.

Entretanto, ao longo dos anos a festividade cresceu e tomou novos rumos, sendo apropriada de forma mais comercial pelo poder público, como a festa turística da cidade. Tal mudança de rumos trouxe muitos desafios especialmente para a comunidade negra. Justamente o grupo mais frágil em termos econômicos, com diversas dificuldades para custear sua participação no evento, é o que mais necessita assegurar seu espaço de representatividade, uma vez que sempre foi o mais marginalizado historicamente.

Ao tentar compreender o lugar da comunidade negra na Pomitafro e como ela foi forjando e reconstruindo sua identidade, logo apareceram os processos de conflitos e as clivagens sociais que destoam do ideal de “integração” que permeia o discurso oficial sobre a festa divulgado pela prefeitura. Apesar de conferir um espaço de inclusão e de visibilidade inédito para a comunidade negra e a cultura afro-brasileira de Vila Pavão, em termos práticos a festa ainda reproduz certas desigualdades de um passado histórico marcado pelos resquícios socioeconômicos e o imaginário escravocrata.

A falta de recursos, a terceirização e a baixa visitação da barraca afro, quando da realização da festa, a escolha de rainhas africanas de pele mais clara, a ausência de shows que representem a cultura e a tradição de herança africana, a dificuldade de organização interna dos diversos grupos que compõe a comunidade negra, o preconceito com a capoeira, todos esses fatores são elementos trazidos pelos depoentes ao narrar sua experiência na Pomitafro. Além disso, apesar de inicialmente intencionar se afastar da

Festa caipira, a festividade ainda segue um modelo baseado nas festas populares europeias.

Por outro lado, os mesmos depoentes reafirmam a importância da festa para a mudança da forma como se viam e como se vêem hoje. É notório que a Pomitafro construiu um novo nicho de pertencimento para a comunidade negra de Vila Pavão. O próprio fato da festa de, a cada ano, estimular a elaboração de apresentações culturais fez com que a comunidade começasse a se organizar e a buscar não só o reconhecimento externo, mas, sobretudo, a descoberta de uma identidade própria que pode e deve ser valorizada.

Quando o professor Bruno afirma que a Pomitafro é um lugar onde ele pode dizer “sou preto”, reconhece a importância da festa como espaço de representatividade. Tempos depois de ter me concedido a entrevista, Bruno me mandou um áudio, relatando com profunda alegria, sobre a experiência de participação do grupo de capoeira, representando toda a população de Vila Pavão, na Feira dos Municípios do Espírito Santo de 2024⁴⁴, um importante evento anual onde os capixabas têm a oportunidade de conhecer o potencial cultural, gastronômico e turístico dos 78 municípios do estado em um só lugar.

Figuras 10: Participação do Grupo de Capoeira de Vila Pavão na Feira dos Municípios do estado do Espírito Santo (2024)

Fonte: Acervo professor Bruno Raphael



⁴⁴ Grupo Senzala encanta Feita dos Municípios. Disponível em: <https://www.vilapavao.es.gov.br/noticia/ler/10658/grupo-senzala-encanta-feira-dos-municipios-2024-com-apresentacao-de-capoeira#:~:text=12%20de%20junho%20de%202024,Pavilh%C3%A3o%20de%20Carapina%2C%20na%20Serra>. Acesso em: 18 mai. 2024.

O depoimento de Bruno revela que o ideal e potencial de representatividade negra que muitos dos pioneiros da Pomitafro almejavam, apesar das tensões e desafios, ainda está vivo e tem produzido frutos.

O meu sentimento é, desde o convite, de uma vitória porque é o reconhecimento da prática da cultura afro-brasileira no município. Isso pra mim é uma coisa que não tem preço né, a gente trabalhou muito, a gente trabalhou arduamente durante 6 anos (...). O meu sentimento é de pertencimento da cultura municipal, de conquista mesmo, pois é muito importante para a gente usar espaços como esse, porque a gente consegue mostrar para todo o estado que aqui tem uma diversidade cultural, que não é só uma falácia, não é só coisa da boca para fora (...). Essa participação ela significa reconhecimento e a oportunidade da gente mostrar para o estado inteiro que aqui tem cultura preta, que aqui tem cultura brasileira e foi exatamente isso que a gente fez. A gente tocou tamborim, tocou berimbau e cantou do jeito que a gente canta na praça, cantando alto, colocando a energia que a gente sabe fazer. E por isso mesmo nós fomos elogiados, todo mundo falou muito bem, gostou muito, teve uma aceitação muito grande. Muitas pessoas se juntaram na hora da apresentação, muitas pessoas participaram tocando instrumentos, jogando capoeira junto. Então foi um grande momento de integração e tudo isso tendo na cultura afro-pavonense como vetor nesse grande movimento desse grande dia que foi o dia 9 de junho, o dia em que a gente participou da feira dos municípios de Vila Pavão, participou da feira dos municípios mostrando cultura preta!⁴⁵

Ao lançar um olhar sobre a participação da negra na Festa Pomitafro em Vila Pavão/ES, a presente pesquisa se propôs a investigar a memória e o processo de construção identitária de grupos étnicos vozes historicamente silenciadas.

O processo de criação da Pomitafro, portanto, pode ser visto sob a perspectiva da busca por um nicho de representatividade da comunidade afrodescendente de Vila Pavão, ao lado das demais etnias europeias que compõe a população do município. Apesar das contradições e conflitos, a Pomitafro pode ser concebida como um espaço possível de visibilidade e divulgação da cultura negra, onde o afrodescendente poeense pode “se afirmar como negro”, não apenas como grupo em si, mas como parte da identidade da cidade, construída por meio das relações entre os diversos grupos sociais locais.

⁴⁵ Entrevista concedida por Bruno Raphael dos Santos, maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, R.; SERRA, E.; MIRANDA, O. O que eu falo, o que eu faço, o que eu sou: colonialidade do saber, do poder e do ser como perspectiva analítica das questões étnico-raciais no Brasil. Anais da VIII Jornada Internacional Políticas Públicas, UFMA, 2017.

ALCÂNTARA, RL de S; SERRA, Elizabeth de Oliveira; MIRANDA, Osmilde Augusto. O que eu falo, o que eu faço, o que eu sou: colonialidade do saber, do poder e do ser como perspectiva analítica das questões étnico-raciais no Brasil. *Anais da VIII Jornada Internacional de Políticas públicas*. São Luís, UFMA, 2017.

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 15, 1997.

APPADURAI, Arjun. *The Social Life of Things. Commodities in Cultural Perspective*, Nueva York, Cambridge University Press, 1988.

ARROYO, Margarete. O conteúdo música e jovens estudantes nas políticas educacionais e curriculares das redes públicas do estado e da cidade de São Paulo (2007-2013). *Revista da ABEM*, v. 23, n. 34, 2015.

ASSIS, Wendell Ficher Teixeira. Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. *Caderno CRH*, v. 27, p. 613-627, 2014.

AZEVEDO, C. M. M. *Dois estudos sobre Imigração e Racismo*. São Paulo: Annablume, 2012.

AZEVEDO, R. N. *Quilombos em territorialização: construção de sentidos em Morro Alto*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, 2013.

BAHIA, Joana; DA BRUXA, Tiro. Canaã, terra prometida. Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil In: NEVES, Delma Pessanha (org.). *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil: formas dirigidas de constituição do campesinato (vol 2)*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista brasileira de ciência política*, p. 89-117, 2013.

BANK, Geert. *Dilemas e Símbolos: estudos sobre a cultura política do Espírito Santo*. Vitória: Edufes, 1998.

BARROS, Thiago Zanetti. *Imigração estrangeira no jornal A Província do Espírito Santo (1882/1889)*. 2007. Dissertação. Programa de pós-graduação em História Social das Relações Políticas. Vitória: UFES, 2007.

BASTIDE, Roger. *Les Amériques noires. Les civilisations africaines dans le nouveau monde*. Paris: L'Harmattan, 1996.

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia (rito nagô)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

- BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze et all. (orgs). Decolonialidade e pensamento afrodispórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- BEZERRA, Eutrópio P; OLIVEIRA, Danielle A. Preservação da memória: técnicas e tecnologias alternativas para a salvaguarda de acervos documentais. In: *Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, v.14, 2013.
- BOURGUIGNON, Leonardo Nascimento. Em terras capixabas: a interiorização do Estado Imperial na Província do Espírito Santo. *Revista de História da UEG*, v. 1, n. 2, p. 153-175, 2012.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de jan. de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências, Brasília, DF: jan, 2003b.
- CÁ, Glória Augusto. Teorias de embranquecimento no Brasil: últimas décadas de século XIX e Início do século XX (1870-1930). Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1284/1/2018_proj_gloriaca.pdf. Acesso em: 18 abr. 2024.
- CAMARGO, Ana Maria; GOULART Silvana. *Centros de memória: uma proposta de definição*. Coleções Sesc Culturas. São Paulo: Edições Sesc 2015.
- CAMPOS, Adriana Pereira. Escravidão, reprodução endógena e criouliização: o caso do Espírito Santo no Oitocentos. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 12, n. 23, p. 84-96, 2011.
- CID, Gabriel da Silva Vidal. Notas sobre a religiosidade no imaginário da capoeira. *Revista Calundu*, v. 1, n. 2, 2017.
- COLUMÁ, Jorge Felipe, CHAVES, Simone Freitas. O sagrado no jogo de capoeira. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 169-182, mai. 2013.
- CÔRREA, Felipe; CAVALCANTE, André. *Três Etnias, Um Sonho - Vila Pavão*. YouTube. 11 jan. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=W8_mAPvYh58. Acesso em: 10 mai. 2024.
- COSTA SILVA, Paula Cristina da et al. O silenciamento da capoeira e o racismo religioso nas aulas de educação física escolar (Parte I). *Cadernos de Formação RBCE*, v. 14, n. 2, 2024.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DE ABREU, Adilson Avansi. A colonização ítalo-germânica no Espírito Santo e seus problemas. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 44, p. 85-102, 1967.
- DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?. *Revista Tempo e Argumento*, v. 10, n. 23, p. 39-79, 2018.

- DIAS, Adriana Albert. A mandinga e a cultura malandra dos capoeiras (Salvador, 1910-1925). *Revista de História*, n. 1, pp. 53-68, 2009.
- DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Vozes, 2000.
- ÉVORA, Lígia. *Do acarajé ao bolinho de Jesus*. Religiões e temas de pesquisa contemporâneos. Salvador: Edufba, 2015.
- FADIGAS, Mateus D. *Racismo Científico como plataforma para compreensão crítica das relações CTS: o estudo de desenvolvimento de uma sequência didática*. Salvador: UFBA, 2015.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.
- FOERSTE, Erineu. *Culturas, parcerias e educação do campo*. Curitiba: Editora Appris, 2020.
- FOERSTE, Erineu; JESUS, José Pacheco (orgs). *Educação do campo: 35 anos dos CEIER's - culturas, saberes e pesquisas*. Curitiba: Editora Appris, 2020.
- FRANCESCHETTO, Cilmar. 1874: os primeiros italianos em Santa Teresa-ES. *Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo*, v. 1, n. 1, p. 195-198, 2017.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler – em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1951.
- FULGÊNCIO, Rafael Figueiredo. O paradigma racista da política de imigração brasileira e os debates sobre a “Questão Chinesa” nos primeiros anos da República. *Revista de informação legislativa*, v. 51, n. 202, p. 203-221, 2014.
- GAEDE, Valdemar. *Presença Luterana no Espírito Santo: os primórdios da presença luterana no estado do Espírito Santo e a história da Paróquia de Santa Maria de Jetibá*. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- GIRÃO, Filipo Carpi. *A Italianidade como Potencialidade Sociopolítica na Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES 2016.
- GOMES, N. L.; MIRANDA, S. A. Gênero, Raça e Educação: indagações advindas de um olhar sobre uma academia de modelos. *POIÉSIS*, v. 8, n. 13, p. 91-111, 2014.
- GROSGOUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada In: BERNARDINO-COSTA, Joaze et all. (orgs). *Decolonialidade e colonialipensamento afrodispórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 12. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. *Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.

HELMER, Claudiney. *Educação do campo e formação humana: a práxis educativa dos educadores do CEIER de Vila Pavão no ensino médio integrado*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Vitória, 2023.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JACOB, Jorge Kuster. Vila Pavão: A cidade que nasce em uma escola do Campo. In: FOERSTE, Erineu; JADEJISKI, Rainei; ANDRADE, Aléssio. *CIERs 40 anos: Memórias afetivas*. Itapiranga: Editora Schreiber, 2023.

LE VEM, Michel Marie et al. História oral de vida: o instante da entrevista. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes, (org.). *Os Desafios contemporâneos de história oral – 1996*. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista estudos feministas*, v. 22, p. 935-952, 2014.

MACIEL, Cleber. *Negros no Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p. 71-114, 2008.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. 5. ed. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2015.

MENDONÇA, G. P. A. *Capoeira na escola: análise e reflexões acerca de sua legitimação nas aulas de Educação Física das escolas estaduais da DIREC 13 – Jequié- Bahia*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2013.

MIGNOLO, Walter. *O lado mais sombrio do Renascimento: Alfabetização, territorialidade e colonização*. Michigan: University of Michigan Press, 2003.

MIRANDA, Heverson Pereira. Capoeira, Religião e Religiosidade: Um Estudo na disciplina de Educação Física. *Totum Periódico de Cadernos de Resumos*, Faculdade Unida de Vitória, v. 6, n. 1, 2019.

MONTEIRO, Aloísio Jorge de Jesus. Sobreviventes das fronteiras: cultura, violência e valores na educação. Caxambu: ANPED/28 RA, 2005.

MOREIRA, Celina Januário (Orgs.). *História e memórias: a trajetória do povo negro em Venda Nova do Imigrante*. Venda Nova do Imigrante: Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante, 2010.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Cadernos Penesb*, v. 5, p. 16-34, 2004.

NUNES, José Walter. Os pomeranos de Santa Maria de Jetibá, estado do Espírito Santo - Brasil, 1983/1984 In: FOERSTE, Erineu. *Culturas, parcerias e educação do campo*. Curitiba: Editora Appris, 2020.

NUNES, José Walter. *Patrimônios Subterrâneos em Brasília*. São Paulo: Annablume, 2005.

PANDOLFI, R.; VASCONCELLOS, J. G. M. Organizações familiares, cultura italiana e desenvolvimento local: um estudo do caso do Espírito Santo. In: EnANPAD, 2005, Salvador. Salvador: EnAPAD, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999.

PERANGELLI, José Henrique. *Códigos Penais do Brasil: evolução histórica*. São Paulo: Jolavi, 1980.

PEREIRA, Ernandes de Oliveira. Cartografia, mapa e fotografia: outra narrativa das serras turísticas capixabas no contexto da educação geográfica do IFES. *PerCursos*, v. 19, n. 41, p. 234-257, 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

POLLAN, Michael. O dilema do onívoro: uma história natural de quatro refeições. São Paulo: Editora Intrínseca, 2007.

QUIJANO, Aníbal. A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais— Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

RIBEIRO, Leila. Memórias inscritas, rastros e vestígios patrimoniais. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco Ramos de; GONDAR, Jô. *Revista Morpheus*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 295-308, 2016.

ROCHA, Aristeu Castilhos da. História e cultura afro-brasileira: Lei 10.639 / 2003 como um caminho para formação docente. In: CAMARGO, Maria Aparecida Santana et al. (Org.). *Mosaico de vivências acadêmicas*. Cruz Alta; Santa Maria: Unicruz: Palotti, 2012.

ROCHA, Gilda. *Imigração estrangeira no Espírito Santo (1847-1896)*. Dissertação (mestrado). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1984.

RODRIGUES, Elisa. Raça e controle social no pensamento de Nina Rodrigues. *Múltiplas Leituras*, v. 2, n. 2, p. 81-107, 2009.

RÖLKE, Helmar Reinhard. *Descobrimo Raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia*. Vitória: UFES. Secretaria de Produção e difusão cultural, 1996.

SALETTTO, Nara. *Considerações sobre a transição do trabalho escravo ao trabalho livre na economia cafeeira do Espírito Santo (1888-1929)*. Rio de Janeiro: Mestrado em História na UFRJ, 1985.

SANTOS, Estilague Ferreira. Vias de comunicação, conquista territorial e colonização estrangeira no Espírito Santo do séc. XIX: a gênese do pensamento político capixaba. *Dimensões*, n. 17, 2005.

SANTOS, Larissa C.; FERNANDES, Fabio F. Desafios à preservação da memória cultural no Brasil: um estudo no município de São Borja. *Revista Brasileira de História da Mídia-RBHM*, v.9, n. 1, jan./jun, p. 219- 236, p. 219- 236, 2020.

SANTOS, Natália Neris da Silva. Ideologia do branqueamento, ideologia da democracia racial e as políticas públicas direcionadas ao negro brasileiro. *Revista Urutagua-acadêmica multidisciplinar-DCS/UEM*. Maringá, nº 19, P.173- 187, set./out./nov./dez. 2009.

SEN, Amartya; KLIKSBURG, Bernardo. *As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado*. Editora Companhia das Letras, 2010.

SILVA, Edinilson dos Anjos Silva. Dimensões política e pedagógica da Etnomatemática na Escola do Distrito Praça Rica no Município de Vila Pavão-ES. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Seropédica-RJ, 2021.

SILVA, P. C. C. *O ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de educação física escolar*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) -Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOARES, C. E. L. *A capoeira escrava no Rio de Janeiro - 1808-1850*. 1998. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SOPRANI, J. Laboriosos e Morigerados ou Indolentes e Vadios: As Múltiplas Imagens do Imigrante e do Trabalhador Livre Nacional nos Relatórios Governamentais Entre 1847 e 1882 no Espírito Santo. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Espírito Santo -UFES, 2015.

SOUZA, M. T. Escola e Pomitafro: uma festa como uma identidade de uma Cidade. *Revista Educação e Emancipação*. São Luís, v. 10, n. 1, jan./abr. p.159-160, 2017.

SOUZA, Marcos Teixeira. Vila Pavão: a pomitafro nos símbolos municipais. *SCIAS-Arte/Educação*, v. 11, n. 1, p. 37-54, 2022.

SOUZA, Marcos Teixeira; DE MELO, Sandra Márcia; BEIERSDORF, Cássia Raquel. Caipira, não! Sou Pomitafro, sim senhor!. *Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo*, v. 1, n. 1, p. 65-79, 2017.

TAVARES, Breitner Luiz. *Na quebrada, a parceria é mais forte - Juventude hip-hop: relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal*. Tese (Doutorado). Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2010.

THEODORO, M. (Org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*. Brasília: Ipea, 2008.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VELHO, Ana Paula Machado. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. *Revista de Estudos da Comunicação*, v. 10, n. 23, 2009.

VERGER, Pierre. *Orixás*. São Paulo, Corrupio, 1981.

VILLEN, Patrícia. Imigração e racismo na modernização dependente do mercado de trabalho. *Lutas Sociais*, v. 19, n. 34, p. 126-142, 2015.